

H I T M A N

I N I T I U

Inittiu do latim, que tem como significado início, será possivelmente o título da nova saga de *Hitman*, na qual o passado do figura será desmembrado de tal maneira, que nos remeterá ao cenário mundial envolto no conhecido como “Guerra Fria”. Neste cenário surgem os ideais para criação de projetos científicos, os quais se prescrevem a criação de órgãos secretos para governos – os que disputavam à hegemonia mundial – autarquias estas agiam com o único propósito, o de defender a ideologia dominante pela pátria. Sendo então no leste europeu o surgimento do projeto conhecido como KGB, acrônimo em russo para Komitet Gosudarstvenno Bezopasnosti (Комитет Государственной Безопасности; em português, Comitê de Segurança do Estado) era o nome da principal agência de informação e segurança (serviços secretos) da antiga União Soviética, que desempenhava em simultâneo as funções de polícia secreta do governo soviético, entre 13 de Março de 1954 e 6 de Novembro de 1991. O domínio de atuação do KGB, durante a Guerra Fria, pode ser comparado, nos Estados Unidos, à combinação dos serviços secretos da CIA e da segurança interna do FBI. Depois da implosão da URSS, o KGB passou a designar-se Serviço Federal de Segurança da Federação Russa (FSB).

A URSS teve, desde sempre, uma polícia política muito poderosa, que esteve presente em todas as etapas da sua evolução social, fosse qual fosse o regime instituído. A KGB surgiu após a Segunda Guerra Mundial, no período da guerra fria, apesar de suas origens internas remontarem a 1917, quando Félix Djerjinsky fundou o grupo paramilitar cognominado Tcheka. Era uma polícia política secreta que não tinha equivalente no Mundo, porque se situava em um nível completamente diferente dos outros serviços especiais, constituía igualmente um ministério. Dispunham de trezentos mil soldados da Guarda de Fronteiras, equipados com blindados, caças e barcos sendo uma força independente do exército, força aérea e marinha. A organização compreendia cinco direções-gerais. A primeira direção, a mais importante, incluía a subdireção dos ilegais (agentes que viviam no estrangeiro sob uma falsa identidade), a subdireção científica e técnica, um serviço de contra-espionagem, serviço de ação e um serviço dos negócios sujos (assassinatos, atentados, seqüestros, bombas). A segunda e terceira direções-gerais estão encarregadas da informação, vigilância e da repressão interna, a quarta são os guardas da fronteira e a quinta, das escolas, que são muitas e variadas. Das direções ordinárias, a mais importante é a das Forças Armadas, que controla o "GRU" (departamento do Estado-Maior que tem a seu cargo a espionagem militar e as operações paramilitares) e todas as unidades militares ou paramilitares do país. Portanto feito este apanhado histórico, é possível constatar que alguém como *Hitman* possa existir ou ter subsistido e é esta dubitação que o filme pretende provocar nas pessoas.

Então o início ideal para a película seria com o treinamento subumano que o KGB impunha sobre suas “cobaías”, a fim de torná-las assassinos. O embasamento científico aduzia como treinagem ideal, aquela que unisse em uma mesma direção, a disciplina do corpo e da mente. Neste ponto a ideologia era fundamental para tornar o ser pensante em um instrumento opaco do governo; pensamentos marxistas, assim como preceitos de Aristóteles e fundamentos da seleção natural de Charles Darwin, formam o cabedal que encorpora a disciplina do intelecto. Destarte era necessário que a cobaia se aceitasse na condição de ferramenta com um fim único e que este ser se sujeitasse as vontades dos seus tutores. Portanto os cientistas responsáveis pelo projeto anteveriam cobaias jovens (recém-nascidas), que não tenham lembranças de convívio social, logo fáceis de domesticar para um fim excruciante. Contudo estas cobaias eram apanhadas na medida em que a URSS expandia seu território e se constituía como potência hegemônica no leste europeu. O exército soviético acolhia cobaias por onde a expansão se determinava, pois o número de desamparados cresce vertiginosamente em uma guerra. Países que deixavam de existir e passavam a fazer parte do conglomerado soviético, cediam inúmeras pessoas que morriam conforme a crueldade cominada nos treinamentos. Os cientistas acreditavam que aos poucos o treinamento se aperfeiçoaria, na medida dos testes aos limites humanos.

Nesta fase do filme seria importante destacar cenas como: o isolamento imposto às cobaias; as inúmeras tentativas sem sucesso de se domesticar os indivíduos que ali estavam – com isto um grande número de pessoas faleciam ou até ceifavam as próprias vidas, devido a uma agonia sem precedentes; cabe destacar, os requintes de crueldade fixados pelo treinamento, sendo que em determinado momento, as então “não mais cobaias”, para se habituar com a rotina de morte, eram submetidas a realizar o treinamento com pessoas em vida, ou seja, em certa parte da instrução, eles eram levados a desferir estocadas com facas ou qualquer outro traste (objetos que se encontram em uma casa, por modelo) que possa causar ferimentos – com isto os idealizadores queriam que o “habitado” desenvolvesse uma capacidade de ser letal, ou não, em qualquer circunstância. Assim como também foram induzidos a assassinar as “sub cobaias”; em outros comenos, para desenvolver o instinto de sobrevivência, os “em fase de subordinação” eram levados para uma sala, onde uma sub cobaia (como exemplo, um prisioneiro de guerra), estimulada também a sobreviver, partiria com fúria para cima de qualquer um, ou em outros casos, a vítima imploraria por misericórdia. Com tudo isto se esperava que o treinado adquirisse um menor valor pela vida alheia, assim como também se tornasse um ser impiedoso. Cenas como estas pretendem impactar as pessoas que assistirem ao filme.

Contudo os cientistas não queriam formar um psicopata, mas sim um instrumento útil aos interesses do governo, para tanto seria necessário justificar a causa para qual aqueles indivíduos eram adestrados. Neste ponto foi fundamental endemoninhar o inimigo e divinizar as idéias que embasavam a suposta “causa”. Desse modo conforme o indivíduo se domesticava, crescia sua aceitação pela causa. Outro ponto que preocupava os idealizadores estava centrado no fim do treinamento, pois o então profissional “já preparado” passaria a entrar em contato com um mundo até então oculto, isso poderia constrangê-lo a mudança em todos os aspectos. Para evitar que aquilo ocorresse este indivíduo era submetido a uma opressão constante, além de uma sensação de vigilância, de maneira que foi possível constatar quadros de paranóia em alguns “já formados”.

Em suma este filme, até aqui, retratará a passagem, desde seu treinamento até a missão principal, de uma das cobaias mais promissoras, intitulada ironicamente como “*Kalashnikova*”, inspirado no famoso projetista de armas da antiga União Soviética. A continuação do projeto se deu em virtude do ótimo desempenho apresentado por esta cobaia. Contudo o ápice do projeto levou a tramitação de um plano no qual as habilidades da “*Kalashnikova*” seriam colocadas em questão, no possível assassinato do presidente John Fitzgerald Kennedy. Entretanto o objetivo, até este passo do filme é mostrar, por maior que sejam os esforços em se domesticar, tornar dócil, ou manipular um indivíduo, é impossível não ir de encontro com as diversas facetas da natureza humana. Assim como é natural termos ódio, também somos suscetíveis a compaixão e a mudança, por mais antagônica que se

afigure.

Todavia *Kalashnikova* terá como missão, o assassinio do presidente Kennedy. O agente da primeira direção do KGB será enviado ao território norte-americano, sobre identidade falsa e será visto como um enconchado do leste europeu. Entretanto um convívio inesperado acontece, o agente passa a residir em uma espécie de abrigo para refugiados de guerra nos EUA. Neste lugar o contato com algumas pessoas passa a fragilizar a atual natureza da então cobaia. Sobretudo a proximidade com um mundo, dantes mistificado, passa a remodelar as concepções em relação ao que seria uma sociedade capitalista. Na medida em que o tempo seguia, a pressão psicológica acima do agente crescia em sobremaneira, levando ao trágico desfecho. O agente não suportou a “coação incisiva” de cumprir com o propósito para qual ali estava e foi tecido. Então o agente acabou por aniquilar com a própria vida. No entanto o presidente norte americano é morto por uma manobra política, uma conspiração interna, pois Kennedy queria uma aproximação maior com a URSS e uma gradual desmilitarização, já que não via num choque entre as duas potências uma solução das desavenças, fato que desagradou à maior indústria armamentista do mundo, a própria indústria americana. Promovendo trocas de membros do alto-escalão do governo e da CIA, por julgá-los ultrapassados, Kennedy fez com que se instaurasse internamente uma oposição poderosíssima, que levou ao fim fatídico e conhecido historicamente.

Até este ponto uma cena muito irônica deve ser apresentada como desfecho para esta parte do filme: Imagine, em uma mesma vista, a morte do presidente Kennedy, de mesmo modo, o suicídio de *Kalashnikova*, o primeiro sendo apresentado mundialmente como um evento trágico, o segundo um acontecimento esquecido, só sentido pelos que estavam no abrigo. Em contrapartida, tanto os que fizeram a conspiração quanto os idealizadores do KGB, comemoram a morte do presidente, os primeiros festejam um interesse político ligado ao privado, os outros celebraram, por pensar que a missão estabelecida para a “*Kalashnikova*” tinha atingindo êxito. Ironicamente duas potências antagônicas desfrutam de um mesmo acontecimento. Cena que até para os menos entendidos, deixa um ar de contradição e inversão de valores.

Contudo até o presente momento deste filme é possível constatar uma mistura de eventos baseados em fatos reais (históricos), com elementos de ficção. É neste aspecto que o enredo se torna peculiar e envolvente. Cabe dizer ainda sob este projeto, no qual se idealizam assassinos não declarados, que lutam em nome da pátria, é um tema já abordado em outros filmes, como “Munique” de “Steven Spielberg”, o qual também teve um fim trágico e esperado, assim como foi possível chegar à conclusão: “é impossível se criar assassinos que obedeçam a ordens, sem em nenhum momento questioná-las, ou impedir que os mesmos reflitam como indivíduo, a questão de existência”.

Em seqüência, o filme passará a retratar a chegada do personagem principal “*Hitman*”, mas antes de dar seguimento ao enredo será necessário fazer uma pausa e descrever o personagem matriz, de modo que seja possível visualizar-se a caracterização do mesmo nos cinemas. Portanto eis aqui algumas asserções importantes sob o protagonista (em relação ao confinamento no sanatório): Nascido em 5 de Setembro de 1964, e etiquetado com a identidade 640509-040147 (o código de barras tatuado em sua nuca), 47 foi “criado” em detrimento da desenvoltura da biogenética e engenharia de mesma instrução, assim como outros clones da “Série IV” foram tutelados pela equipe de funcionários do suposto “asilo” (fachada para encobrir o lugar que desenvolvia o projeto). No começo, *Dr. Ort-Meyer* identificou 47 como sua criação mais promissora. Enquanto amadurecia, 47 era quieto e mostrava pouco comportamento social, sua única mostra de afeição foi com um coelho que escapou do laboratório que ele adotou (demais para o desprazer de *Ort-Meyer*). 47 também tinha uma relação razoavelmente negativa com a equipe do asilo, por conta das regulares checagens médicas e freqüentes injeções. É documentado que 47 agarrou e apunhalou um doutor com várias agulhas, alertando *Ort-Meyer* a dobrar os guardas atribuídos a ele. Junto com os outros clones, 47 foi treinado desde jovem para matar de forma eficiente. Ensinado a usar armas de fogo, aparatos militares e as mais clássicas ferramentas de assassinato, 47 pode virtualmente manejar qualquer arma com facilidade. Durante seu treinamento, ele foi notado por sua excepcional habilidade como atirador, assim como por ter atacado funcionários do asilo com uma baladeira caseira. Após trinta anos de impiedoso treinamento sob a tutela do *Dr. Ort-Meyer*, 47 achou uma brecha na segurança do asilo. Matando um guarda e se disfarçando com o uniforme, 47 conseguiu escapar do asilo.

Desconhecido por ele, a fuga de 47 foi deliberadamente orquestrada pelo próprio *Ort-Meyer*, a fim de ver como 47 se sairia no mundo exterior. 47 foi logo empregado pela *International Contract Agency* [ICA (algo como Agência Internacional de Contratos)], uma organização clandestina que providencia serviços de assassinos e mercenários. Com toda uma vida de treinos e habilidades físicas aumentadas geneticamente, 47 logo se tornou o melhor executor da Agência. A genética única de 47 dá a ele excepcionais habilidades físicas, incluindo força, velocidade e resistência aumentadas. Embora não um “super humano”, 47 está no limite do que um humano normal é capaz de fazer, e até excedendo as habilidades naturais humanas em alguns níveis. Notavelmente, ele pode suportar múltiplas balas no peito sem morrer de imediato, apesar de que o efeito será visível com o passar do tempo, e um tiro na cabeça com fuzil ou uns dois tiros de espingarda a curta distância poderia matá-lo instantaneamente. Ele também é forte o suficiente para manejar uma Minigun como arma manualmente portátil, apesar de um tanto inabilmente. Finalmente, 47 é muito atlético; capaz de pular sobre obstáculos, escalar canos e pular por sacadas. 47 também foi rigorosamente treinado na arte do assassinato. Ele tem um extensivo conhecimento sob assassinato e dos meios de realizar isto. Ele é hábil em todas as formas em uso das armas de fogo, e tem uma quase perfeita mira, limitada só pela imprecisão inerente em qualquer venábulo que ele use. Isto faz dele um excelente franco-atirador, assim como um atirador insuperável. Ele é capaz até de manejar duas armas ao mesmo tempo sem qualquer diminuição usual em precisão que este tipo de coisa normalmente cria. É também hábil em estrangulamento, corte de garganta, sufocamento, envenenamento e no uso de armas mortais improvisadas de objetos encontrados em suas missões (pás, tacos, tiçoeiro, etc.). 47 mostrou

proficiência em operar uma larga variedade de veículos em mais de uma ocasião, mais freqüentemente sendo quando ele tem que escapar após todos os objetivos serem cumpridos. Estende-se desde automóveis comuns e vans, pequenos veículos aquáticos como lanchas e até veículos aéreos como hidroplanos e helicópteros. 47 é também mostrado como sendo altamente habilidoso em combate “mano-a-mano”. Ele pode nocautear um homem crescido com um único soco na face, desarmar um oponente de perto e atirar neles com suas próprias armas, cabecear um inimigo , atordoá-lo, e prender pessoas por trás para usar como escudo humano. 47 também aparenta ter um rudimentar entendimento de diversos idiomas estrangeiros, mas não ao ponto de conversar em algum destes. Finalmente, 47 é um mestre dos disfarces, freqüentemente pegando o uniforme de guardas ou civis, a fim de se misturar e infiltrar no forte inimigo sem ser percebido. O fato de ele ser um clone multi-racial ajuda-o nisto consideravelmente. Ele pode não parecer exatamente como as pessoas do país onde seu alvo está, ainda assim ele geralmente é parecido o suficiente para não despertar muita suspeita (pelo menos de longe). Por conta de seus excepcionais talentos, 47 geralmente recebe as maiores e mais difíceis missões da Agência. A furtividade e sutileza de 47 são lendárias, ele é considerado na comunidade criminosa como sendo uma fábula urbana, um folclore e muitos sequer sabem da sua existência.

Contudo o surgimento do projeto que culminou no aparecimento do *agente 47*, se deu em virtude, no início, de investimentos maciços da indústria armamentista norte americana; recursos voltados para o desenvolvimento da engenharia genética, com a expectativa de se criar uma nova ordem de armas. No começo os investimentos eram feitos com o intuito de se equiparar com a URSS, que realizava um projeto semelhante, mas com o fim da Guerra Fria e a desconstituição da URSS para a atual Rússia, os fins do projeto foram transmutados para os interesses: eventualmente os de cunho político e integralmente os de caráter privado. Sendo que com o fim da “Cortina de Ferro”, os recursos sobrevieram da indústria de medicamentos, que passou a ter partido no “projeto”.

Dessa forma *Hitman* surge em um mundo contemporâneo em proeminente processo de globalização, tudo isto acrescido de uma fase de decomposição da sociedade atrelado à tendência individualista do homem, seria a antropofobia universalizada. Portanto o filme com o personagem aqui descrito, pretende abordar nesta fase, temas inerentes ao mundo coetâneo. Ao desmembrar o passado deste personagem, o enredo permitira uma reflexão atemporal e uma nova concepção dos eventos históricos citados, será apresentada. Um enredo rico em detalhes, suprido de um entretenimento criativo, sem destelo da função social tão aqui abonada.

Dando continuidade ao enredo, o filme passa para uma nova parte comedida de um processo de contemporização, pois os elementos abordados no cenário que envolvia a Guerra Fria, serão suplantados pelo mundo atual e pelo arcabouço psicológico que envolve o protagonista desta nova série *Hitman*. Logo esta qual fase tem seu início na Romênia, país onde o hospital psiquiátrico utilizado como frontispício para os experimentos do professor *Ort-Meyer*, será o foco desta parte da trama. Cabe ressaltar que toda a caracterização do lugar já foi muito bem idealizada pela empresa Eidos. Um ambiente silencioso e maquiado com ares clínicos; o prédio onde se situa o manicômio fica afastado das áreas urbanas; um local de difícil acesso e logo intransitável para fuga. No primeiro, segundo e terceiro andares o ambiente pode ser muito bem confundido com uma clínica de recursos avançados para tratamento a dementes. No entanto é no subsolo que se encontra um cenário atorrentador e intrigante, onde permanecem centenas de clones perfilados e encubados, na espera de tratamento; salas de cirurgias assim como de treinamento se misturam entorno de um cabedal psicológico; um lugar rodeado de espelhos com efeito perturbador. Neste subsolo existe uma sala central toda branca, estando uma vez lá dentro, a impressão é de que o lugar não tem confins, um símbolo marcante no centro chama a atenção, pois sua composição apreende a atenção dos indivíduos que ali circulam.

Aqui se faz necessário, um minucioso descritivo sob a estruturação que abrangia o soterrâneo no sanatório. Um sítio de extensão hiperbólica, como uma lídima fuma. Por lá, avistava-se vários repartimentos, grandes galpões que em conjunto, deliberavam a idéia de auto-suficiência. O subterrâneo agia independentemente dos preceitos que ornamentavam o nosocômio, situado ascensionalmente ao “antro”. Algures assentava-se a área de gênese, onde se dava a concepção dos inúmeros clones, que se encontravam encubados, dispersos numa espécime dum líquido conservante. Naquela “cepa”, observava-se os encascados, em diversas fases, as quais se ramificavam, dês da idade nuelo, até os estágios maduros. Dentro da “cripta”, aticava-se as variadas alas, com representantes distintos; credores do segmento industrialista, assim como mandatários da área farmacêutica, inclusive mercantes que manipulam a nicotina, o versado setor do tabaco. Dessa forma é possível elucidar que os clones eram servidiços em diversificados meios, com métodos voltados para o sacrifício em préstimo ao progresso dos setores, os tais apadrinhadores do “projeto”. Dessarte é notado o modo perverso, o qual se determina o uso das cobaias, como um holocausto em benevolência dos patronos do “programa”. É contemplável na camada mais profunda do solo, imediatamente abaixo da camada visível ou arável, a existência de estandes, amplas zonas que debuxam os empregadores, áreas reservadas ao teste em “vitalidade” dos criados. É avistado ali, algumas câmaras em multifário, dentre estas é observável o domínio que simbolizava o segmento dos “cigarros”. Em um cubículo adstrito, apercebia-se os mancípios atados a uma ara em posição vertical, tais clones tinham as vistas vendadas e os corpos enlaçados por camisas-de-força; permaneciam na mesma postura da mesa de sustento. Ainda via-se as narinas das cobaias, o que declarava

o arranjo proposital para com a finalidade da tecedura. Através duma janela, reparava-se o seletos de cientificistas, os quais aguardavam a iniciação do exercício, o qual é marcado pela sujeição duma cobaia, á uma exposição com variados tipos de gases, assim como a fumaça que exalava na queima do tabaco e afluência da nicotina. Também é notado lá, um esgalho de fios ligados aos clones em teste, os filetes se comunicavam com amontoado de aparatos eletrônicos, os quais colhiam os dados e avaliavam a condição física dos lacaios. No mesmo renque de stands, acampava-se o períbolo que figurava a indústria automobilística. Aonde se subjugavam os alienados, em uma contextura que se assemelhava ao correntio, ou seja, ao invés de autômatos e manequins, utilizavam-se as cobaias em experimentos, no conhecido “impacto de passageiro”. É perceptível, ainda, em deferência ao destino dos clones: a fruição em atividades que abarcavam o segmento dos objetos inflamáveis; aos empreendimentos correlacionados no âmbito boticário; a manipulação e desenvolvimento de órgão, tecidos humanos; as distintas iniciativas de pesquisas científicas; e enfim, ao malevolente setor das armarias de fogo. Este último tem relação intrínseca com a tramada que envolve o enredo. Desse modo fica clarividente a perspectiva hodierna que a película pretende abranger. Sobretudo a temática abordará questões do contemporâneo, ao instigar o espectador a uma interpretação, por meio de alegorias, de que o manicômio vai muito além dum centro clínico. Nesse íterim será fundamental amostrar cenas que demonstrem a perplexidade do protagonista, como se o mesmo estivesse a desemaranhar as malfeitorias, as atrocidades em forma de engenhos, os lugares obscuros do sanatório. Questões como a clonagem, serão passadas como uma “falésia”, o que manifesta uma naturalização, ou um desfoco premeditado, pois tal

problemática não constitui objeto de motivação para a feitura.

Em seqüência ao enredo, o *clone 47*, já desenvolvido em todos os aspectos e avante dos demais clones, atrai a atenção do cientista *Ort-Meyer*, que tem para com *47* uma admiração e consideração latentes. Embora o relacionamento entre os dois se equiparava com o de um “senhor” para seu “servo/objeto”, pois o projeto preconizava a dominação, tanto do corpo como da mente, como meio de domesticar o indivíduo. Desse modo o filme segue com a retratação do dia em que o *clone 47* escapou do sanatório. No entanto o escape não foi algo totalmente premeditado pelo professor, um infortúnio aconteceu naquele dia. O colapso generalizado entre os clones era visto desde a matina; era atípico que os clones tivessem distúrbios mentais em conjunto, pois eram abrigados separadamente de modo que lhes foram vedado qualquer contato. Além de tudo, nunca havia se registrado um motim sistêmico como o ocorrido no dia em questão. Sendo que o número de funcionários não foi suficiente para conter tamanho alvoroço, logo uma situação incontrollável se instaurou naquele lugar. O professor *Ort-Meyer*, diante de tudo aquilo, vê uma oportunidade de “emancipar” o *clone 47*. Entretanto o professor em meio a um cenário atordoador não consegue mensurar os riscos da empreitada. Em contrapartida, uma das recepcionistas do asilo conseguiu realizar contato com a polícia local e informou o ocorrido. Em pouco tempo a polícia convencional ingressa no lugar. No entanto por questão de jurisdição, a mesma polícia encontra-se impedida de ter acesso ao sanatório. Contudo a notícia chega até um dos responsáveis pela questão burocrática do projeto que estava alocado no asilo.

Diante de uma situação de risco e descontrole, além da possibilidade do mundo descobrir o que o governo norte americano encobria naquele local, o burocrata logo movimenta um esquema em que a equipe da “Politia” (equivalente a SWAT dos EUA), será acionada para conter o ocorrido no asilo, assim como em ultima instância o grupo terá permissão de extermínio, caso a situação não possa ser amenizada. Neste ponto cabe destacar que a indústria armamentista americana financiava as instituições de segurança pública na Romênia, o que remonta o período da Guerra Fria. O governo estadunidense via a crescente necessidade de conquistar aliados em frente à ameaça comunista, fato que facilitou a tramitação do projeto e permitiu que a guarnição do mesmo fosse feita, da mesma forma facultou a rápida resposta ao ocorrido no sanatório.

Todavia o clima no manicômio, pela ótica externa do local, aparentava calma e normalidade, fazendo com que a polícia convencional aguardasse pacientemente a chegada da “SWAT” ao lugar. Entrementes o sanatório foi projetado para provocar a impressão alheia de harmonia rotineira há um centro psiquiátrico; sua estrutura impedia que os sons vazassem para fora do ambiente, além disto, toda a atividade maquiavélica se concentrava no subsolo do local. Enquanto a polícia convencional aguardava a chegada da SWAT, o asilo era tomado por uma loucura sem precedentes; atrocidades ocorriam, assim como tentativas de suicídio cresciam entre os clones. Enfermeiros e outros funcionários permaneciam nos andares superiores, onde tentavam controlar os clones que ali estavam. Neste ponto cabe destacar que só os intitulados como “especialistas”, é que tinham acesso ao subsolo

e por este motivo foi-se possível ofuscar a integridade do projeto por tanto tempo, pois para os enfermeiros e outros funcionários, o local não passava dum centro de tratamento para doentes com acentuado desvio de sanidade mental. Pela primeira vez, aquele lugar fez jus ao título de manicômio, pessoas eram mutiladas ao mesmo tempo em que os clones aparentavam estar em acentuado processo de insanidade. Em meio ao cenário de loucura, alguns funcionários procuravam conter, outros se preocupavam em sobreviver, enquanto a maioria de certa forma se afastava do local, o professor *Ort-Meyer* só tinha em mente uma idéia fixa, a de libertar o *clone* 47. O professor se encontra impulsionado a conseguir a soltura de seu “paciente” mais promissor, ele meio que ignora ou se anestesia da realidade ao seu redor; o momento em que ele cai em si é quando se encontra com um ferimento efetuado por um dos clones, ao entrar em uma das salas do subsolo. Nos instantes de agonia, *Ort-Meyer* tramita a fuga de 47, pois *Meyer* acreditava que quando 47 o encontrasse caído, agonizando, roubar-lhe-ia as chaves do carro, tendo visto que 47 já havia apresentado anteriormente, a intenção de escapar daquele lugar. *Ort-Meyer* mede os últimos esforços para conseguir chegar, meio que rastejando, até seu “paciente”. O encontro dar-se-á na sala “branca”, onde não existe noção de profundidade. Naquela sala um dialogo bastante interessante se estende, 47 realmente fica com as chaves do carro do professor, só o que aquele não mensurava ver 47 subtrair-lhe as chaves e também acabar descaradamente, sem qualquer compaixão, com a vida do dito professor. 47 ajoelha-se para se aproximar de *Meyer*, ouvi suas últimas palavras e em seguida quebra-lhe o pescoço. O *clone* 47, com as chaves em mãos, consegue fugir a tempo, antes que a SWAT invadisse e exterminasse a todos, inclusive os funcionários do manicômio.

As cenas do último encontro entre o professor *Ort-Meyer* e o *clone 47*, pretendem causar fortes impressões no público, pois até este momento, nenhuma feição de um anti-herói, assim como algum aspecto marcante da personalidade de *Hitman*, havia sido revelado. Outra cena bastante intrigante é a da chegada da “*Politia*” ao asilo. Por conseguinte quando a equipe atinge o local, se encontra com os policiais convencionais e um de seus representantes informa ao capitão da *Politia* que o lugar não aparentava risco e logo preocupação. Entretanto a equipe, ao se preparar para adentrar no edifício, se depara com uma pessoa em “chamas” saindo do prédio; parecia ser um funcionário, mas como também poderia ser um clone. Logo o desespero e aflição se apoderam dos policiais que ali estavam; afora de tudo a “*SWAT*” foi orientada a agir energicamente e com uso letal da força. Uma “carnificina” aconteceu naquele lugar; o peso sobre os ombros da *SWAT* era assombroso, porquanto eles tinham como ordem expressa, o uso lúgubre da força, independente de contra quem fosse, sendo o uso de forma ilimitada para conseguir acobertar o ocorrido no sanatório.

Somando-se todas as cenas instigantes até aqui, a melhor forma de propagá-las seria com a miscigenação entre os eventos, ou seja, fatos como a morte de Kennedy são mostrados e intercalados com o suicídio de *Kalashnikova*, assim como as diversas reações perante aos fatos acima, serão matizadas conforme as cenas ganharem entendimento. É neste mesmo liame que deve permanecer a amostragem das cenas que retratam a ocorrência no asilo na Romênia; eventos como a morte do professor *Ort-Meyer* se interpõem com as cenas de invasão da *SWAT*. Será previsto

com tudo isto, uma dramatização generalizada. No entanto para a harmonização das cenas, de mesmo modo, para atingir um efeito pretendido, é fundamental uma trilha sonora que se entalhe como tema para as imagens que serão descritas. Feito estas coisas, a reação do público ao presenciar a representação, não será outra a não ser a de perplexidade em face de tudo aquilo que é revelado.

Não obstante a tudo que foi descrito neste enredo, é fundamental o entendimento dos últimos fatos ocorridos, surgiram perguntas como: Por que o *clone 47* assassinou o seu tutor? O que motivou *Ort-Meyer* a tramitar o escape de *47* e por qual razão o asilo perdeu o controle? Qual ligação se estabelece entre os dois momentos marcantes do enredo (*Kalashnikova* e *clone 47*)? A compreensão para estas “inquisitivas”, dar-se-á por intermédio da disposição alegórica do enredo.

A vista de tudo isto, pode-se assentar que a figura de *Ort-Meyer* para o *clone 47*, era encarada como a de um opressor, um tirano que impunha limites. Por que então alguém instruído a desmembrar qualquer compaixão pelo próximo, assim como pela vida, haveria de ter comiseração com aquele cujo constrangimento o impulsionou a impiedade. Cabe ressaltar que se deve esperar condolência, compaixão, misericórdia e solidariedade mesmo de um ser que não as conheceu, como a cobaia *Kalashnikova* e o *clone 47*, pois estas facetas se encontram intrínsecas na natureza humana, independente da condição de raça, meio e tempo que o indivíduo se encontre.

Neste ponto da trama percebe-se que a diferença entre *Kalashnikova* e o *clone 47*, está centrada no fato de o primeiro, apesar de tudo o que lhe foi imposto, era um ser sujeito a mudança. O segundo era uma anomalia, uma aberração, um ser desmembrado dos “hormônios humanitários”, consternado com uma feição individualista e mesquinha, na qual o caráter vil sobressai perante qualquer outro aspecto psicológico. Sendo assim uma alusão pode ser feita entre *Hitman* e a tendência individualista do homem, pois parece que esta vertente está a crescer de uma forma jamais vista. Um mundo contemporâneo, onde o particular sobressai o coletivo, as instituições singulares são maiores que os homens em conjunto. Logo o caráter do *clone 47* seria a supremacia do individual em face ao coletivo. Com isto questões instigantes aparecem: *Hitman* seria um caso isolado? Apenas fruto da clonagem por intermédio da engenharia genética? Um estereótipo intangível? Ou ele retrata uma pequena faceta da natureza humana, que parece crescer no mundo contemporâneo, pois até a própria arquitetura, estrutura e disposição urbanística nos remete a isto, sendo que tudo se encontra individualizado, singularizado e “dissocializado”, de certa maneira.

Apesar de tudo que foi descrito até agora no enredo, cabe salientar que quando o professor *Ort-Meyer* se encontrou com o asilo em colapso, ele se deparou com uma situação frustrante, pois ali investiu anos de pesquisa e momentos valiosos de sua carreira. Portanto a idéia fixa do professor de libertar o *clone 47* foi o escape de suas frustrações. Dessa maneira, na medida em que o professor desagrilhoava o *clone 47*, ele se isentava e ao mesmo tempo, se justificava em seus propósitos.

A pressão em dar resultados nas pesquisas foi um dos fatores que levou o projeto do asilo ao acometimento. Ora antes o programa tinha como estímulo a corrida armamentista consubstanciada na Guerra Fria, quando esta se findou, os investimentos foram minorados e o projeto perdeu seu caráter “bélico” e passou a ter nos fins medicinais, a concepção majoritária e o fundamento principal. Com este tipo de finalidade, o projeto passou a utilizar os clones como cobaias para experimentos e desde então, se empregaram os mais variados tipos de drogas e medicamentos nos clones. Com isto esperava-se o avanço rápido e eficaz da indústria farmacêutica, mas em contrapartida, vidas seriam sacrificadas, vidas anônimas (abre-se uma referência vaga e indireta ao filme “Jardineiro Fiel”, dirigido por “Fernando Meirelles”). Com todo este cenário, os clones passaram a ter reações adversas, e um acentuado desvio mental já se notava entre os que serviam de cobaia para os medicamentos.

Com tudo isto o enredo segue, em seqüência, a enveredar o destino do *clone 47*. Com o escape do sanatório, 47 passa por momentos tempestuosos e conturbados na Romênia, a polícia local passou a procurar intensamente pelo foragido do manicômio. Como 47 era um clone multi-racial, um retrato dele foi divulgado por variados veículos de comunicação. 47 sem dinheiro e perseguido não vê outra forma de sobreviver a não ser fazer aquilo para qual fora tecido. É importante elucidar que 47 não tinha nenhum declínio à psicopatia, assim como não possuía qualquer desvio de caráter que o levasse a roubar. Neste ponto evidencia-se a influência do projeto sobre seu feitio moral, pois os tutores idealizavam a disciplina e ordem, como

fundamento para adestração dos indivíduos que estavam no asilo.

Por conseguinte 47 consegue um contato com um serviço de mercenários, uma espécie de organização criminosa de interesses privados. 47 obteve o contato em virtude do conhecimento imposto no treinamento, pois os preletores do projeto instruíam os clones a conhecer as mais diversas instituições que lidam com serviços que envolvem armas, desde as instituições governamentais até as organizações facínoras. Então 47 obtém o seu primeiro trabalho como profissional, seria um serviço de assassinato em um evento, a festa sado masoquista, seria a “Festa do Rei da Carne” na Romênia. O cliente exige que 47, além de assassinar duas pessoas, também procure no dia do evento por uma garota desaparecida, possivelmente a filha do cliente. O evento seria uma grande oportunidade, pois um grande número de pessoas se encontrariam naquele dia, sendo então está à maior chance de se localizar os alvos. Um dos escopos era o escocês “*Campbell Sturock*”, o “Rei da Carne”; o homem extremamente obeso com hábitos sujos, um personagem grotesco, ele seria o dono da festa onde pessoas de classe média e alta iriam comparecer. Um evento assombroso em um matadouro rodeado de carnes de animais em pleno estado de putrefação; as portas e os corredores estavam emplastrados com sangue proveniente das carcaças; um local envolto em um cenário angustiante com uma tonalidade fria, o lugar refletia a personalidade esdrúxula de *Campbell Sturock*. Como escopo precedente, temos o advogado de *Sturock*, “*Lawyer Andrei Puscus*”, um convidado de honra, o mesmo acaba de absolver *Campbell* de um processo de seqüestro (da garota de anteriormente).

Então a festa seria uma celebração da vitória no tribunal. O evento estava ligado com todo tipo de “subversão” do mundo contemporâneo, drogas assim como prostituição, eram de fácil acesso na festa. Outro ponto que chamava a atenção era que todos os convidados estavam a “caráter”, vestidos com trajes escuros e máscaras nos rostos, com isto esperava-se a menor identificação possível entre os convidados.

O filme então retratará na seqüência, à noite em que 47 realizará seu “trabalho primogênito”. O serão era marcado por uma chuva torrencial e um clima ameno. *Hitman* logo na entrada do evento se depara com um caminhão, onde um funcionário do matadouro estava a descarregar as encomendas da festa. 47 repara que o empregado era coxo e que tinha um andar arrastado; 47 tramita ali copiar até o próprio caminhar daquele homem; *Hitman* se aproxima do empregado e ali mesmo orchestra a “forma” de como entraria no local sem ser notado. Neste ápice, cabe destacar que uma das arte-manhas de *Hitman*, era se disfarçar de pessoas, que no mundo coevo, são “invisíveis”, como seres despercebidos que não chamam atenção, como os com pouco poder aquisitivo. Na seqüência ao enredo, o protagonista nocauteia o funcionário e apanha as vestimentas daquele, em seguida ele tranca a porta traseira do caminhão onde estava inconsciente o empregado, e caminha em direção ao matadouro, segue andando como o homem manco. Uma vez dentro do evento, a primeira iniciativa de *Hitman* era procurar pela garota desaparecida; 47 segue em direção aos lugares onde não havia o barulho típico da festa, de certa forma ele se afasta do evento em si, mas se aproxima cada vez mais

de lugares que supostamente poderiam servir de cativeiro para a moça procurada. O protagonista começa a elevar, mais e mais, o risco de sua empreitada, pois ele se vê constantemente na necessidade de arrombar portas para se aproximar dos lugares suspeitos. Um ponto que facilitou a intromissão de 47 foi o fato de a segurança do evento estar voltada para os convidados, e com isto, estar concentrada nos lugares onde o fragor festivo predominava.

Finalmente 47 encontrou a moça, um cadáver no andar superior do matadouro, em uma sala onde o sangue se confundia com as luzes de todo o cômodo; um som suave provinha de um rádio em cima de um balcão, assim como o barulho das máquinas que tratavam as carnes, se ouvia. O ambiente passava um ar atormentador e no mínimo psicótico; fotos da garota com insultos estavam espalhadas por todos os cantos; algumas plantas com pigmentação predominantemente verde faziam um contraste horrendo com o sangue que emplastrava o piso do cômodo. Em uma janela no teto notava-se a água proveniente da chuva escorrendo pela sua estrutura; relampejos alumiam o cômodo, sobressaindo às luzes que ali estavam. Em uma espécie de altar, rodeado de velas fotos e pertences da moça, *Hitman* se depara com uma pessoa dilacerada, pendurada em um saco plástico que tinha no teto sua haste, no chão um fragmento do braço da possível moça fazia reflexo com o corpo que estava na saliência. O protagonista em frente aquele cenário horripilante, procura fazer contanto com seus “credores”, pois com todo o ocorrido, uma mudança no disposto ao contrato havia acontecido. Enfim, 47 é instruído a levar uma prova da morte da moça (o braço em

evidência) e também é induzido a dar seqüência ao disposto no acordo. Uma curiosidade importante de se destacar era que 47 se identificou com seus contratantes, com o nome “*Tobias RieperMetzger*”, um dos aliases.

Por conseguinte, *Hitman* segue em direção aos dois alvos, o primeiro a ter o encontro fúnebre com 47 é o escocês *Campbell Sturock*. O Rei da Carne, durante toda a festa, estava alojado em um quarto copioso, cercado de seguranças. O homem obeso estava deitado em cima de uma cama com duas prostitutas. Quando 47 se depara com *Sturock*, este logo pede para que se esvazie o quarto, para então poder saborear o prato que 47 trazia consigo. Neste ponto cabe destacar que *Hitman*, como havia se travestido de funcionário do matadouro, mais precisamente da cozinha do evento, havia conseguido credencial para adentrar em lugares com guarnição. *Hitman* entrega o aperitivo “envenenado” para o impaciente *Sturock*, pois este exigia a todo o momento, agilidade de 47. Um pormenor importante, era que por rotina, o funcionário “garçom” deveria entregar a encomenda de *Sturock*, este por costume, mandava esvaziar o quarto, com isto o local do crime seria preservado tempo suficiente para 47 abandonar o leito e partir em direção ao advogado, seu último alvo.

Na seqüência após o envenenamento de *Campbell Sturock*, o Rei da Carne, 47 segue na empreitada do assassinio de *Lawyer Andrei Puscus*, o advogado. 47 no bar do evento consegue informações preciosas sob o paradeiro de *Puscus*; os bartenders comentam a presença, naquela noite, do braço direito dos irmãos

Campbell, um dos responsáveis pelo auxílio jurídico, seria possivelmente *Andrei Puscus*. Na área principal do evento, onde o “folguedo” com som típico acontecia, 47 se movimentava na direção ao seu alvo, este estava guarnecido por um segurança particular, que o acompanhava em todos os lugares. Entrementes se notava *Andrei Puscus* sobre efeitos de drogas e álcool, e aparentava cada vez mais intenção de ir ao banheiro. Diante disto 47 vislumbra a oportunidade de acabar com seu alvo; *Hitman* arquiteta ali, seu último e derradeiro passo naquele lugar. *Hitman* se antecipa na chegada ao “toalete”; neste lugar 47 tramita a forma de liquidar o advogado. 47 fica no aguardo, escondido em uma subdivisão onde se encontravam os assentos sanitários; com os pés sobre o vaso 47, de certa forma, oculta a sua presença naquele local. Para afastar as suspeitas 47 emperra algumas portas que continham os assentos (ele tranca a porta e arranca a sua maçaneta). Com o todo 47 esperava que o “acostado”, ao verificar o banheiro, iria notar varias portas emperradas e atribuiria um defeito a isto. 47 também quebra alguns espelhos para não haver a menor percepção de um possível reflexo. Por fim 47 enfraquece a luminosidade do local, ele gira algumas lâmpadas, de forma que estas perdessem “eficácia”, não ao ponto de se apagarem, pois 47 não queria estimular a quem entrasse no local, a desistir de usá-lo. Todavia o “sombra” tinha como rotina a guarnição do advogado; o “guarda-costas” adentrou junto com *Andrei Puscus* no banheiro; verificou se existia a presença de mais alguém no local; notou várias portas emperradas, destravou a duas primeiras que verificou, as outras não, por deduzir que o lugar encontrava-se sobre ruínas, em precariedade. O guarda-costas, dando-se por satisfeito, abandona o lugar e fica no aguardo, pelo lado de fora. Enquanto o segurança ficava na espera do advogado, este estava a usar o banheiro;

47 resolve então dar continuidade ao seu trabalho; 47 destrava a porta, pela qual se ocultava; a abre repentinamente, sem causar algum grande estampido, mas o advogado logo apercebe a abertura da mesma; intrigado com o que via o advogado, movido por uma reação natural, parte em direção a porta entre aberta. Quando *Andrei Puscus* se deparar com 47, que já premeditava aquilo, o advogado ficará paralisado, tempo suficiente para *Hitman* seguir com voracidade e destreza com o assassinio. *Hitman* de uma forma súbita agarra o advogado e impede qualquer reação ao segurar pela face e tapar a boca de *Andrei*. Para evitar que os ruídos desapertassem o segurança, 47 aperta intensamente o botão da descarga do sanitário; 47 por fim leva o advogado em direção ao vaso e ali, *Andrei Puscus* é sufocado por uma mistura de água sanitária e vomito do bacio. *Hitman* após executar o último alvo, segue no escape do matadouro. No entanto ele não poderia sair pela mesma forma que penetrou, pois pelo lado de fora do banheiro estava o segurança no aguardo do advogado. Então *Hitman* realiza uma destreza física jamais vista por alguém; ele se projeta em uma das janelas do toalete que desembocavam com o lado de fora do matadouro, diretamente para a rua. *Hitman* havia arquitetado todo o ocorrido, inclusive o escape pela pequena janela, típica de banheiros onde a única utilidade é dar claridade, um orifício inconcebível como escapadela.

Com todo o ocorrido no matadouro, um novo aspecto da personalidade de *Hitman* será revelado. O *clone 47* em toda sua empreitada no açougue, em nenhum momento mostrou afeição com qualquer pessoa que se defrontou na festa; *47* não necessitou de exercer nenhum dialogo com as pessoas no evento; o único colóquio que se estendeu foi quando *47* entrou na cozinha principal do matadouro, ali um chefe o orientou a levar um prato em nome de *Campbell Sturock*; mesmo naquela conversa, *47* se manteve quieto, só ouvindo o que o funcionário da cozinha dizia. Em outro momento, quando *47* se deparou com bar do evento, ele permaneceu silenciado, auscultando o que os funcionários do bar comentavam. Dessa forma o cabedal psicológico que gira entorno do personagem principal se manifesta com a personalidade introspectiva do *clone 47*. A taciturnidade que envolve o protagonista é intrigante, um personagem que vive uma situação angustiante, alguém que nasce com um propósito sombrio e incerto; um ser desmembrado até da sua sexualidade, desagregado do convívio social e impulsionado a obediência e disciplina imutável. Uma dramatização espera-se ser capturada com a retração da existência de *Hitman*. A película pretende mostrar a vida deste personagem, desde o convívio no sanatório até a supremacia como profissional em serviços lúgubres. Neste último ponto, uma solidão estridente deve ser manifestada na vida do figura, pois ao acabar seus “ofícios”, *47* volta a sua residência, geralmente locais inóspitos que revelam a tendência de viver “a surdina”; nestes lugares ele permanece quieto, no aguardo de um novo “mister”, mas com fortes lembranças que parecem persegui-lo, memórias de um passado atormentador no asilo.

Contudo o filme retratou no início, o treinamento com requintes de crueldade, imposto pelo KGB a *Kalashnikova*. No entanto o convívio no sanatório vivenciado pelo *clone 47*, não será revelado pelo filme em uma ordem, assim como foi vista para *Kalashnikova*. O filme retrata em seqüência, a existência de *Kalashnikova*, desde a convivência no local onde fora preparado para ser um assassino, até o fim trágico com a chegada ao abrigo para refugiados nos EUA. Entretanto o passado de *Hitman* será revelado de uma forma não linear. Conforme o presente do personagem é mostrado, o passado do mesmo é remontado, pois é nos momentos em que o personagem perde a consciência, que o fim no sanatório será reescrito e cenas que mostram a convivência no asilo, serão destacadas.

Uma cena que remonta o passado do personagem em meio ao presente será apresentada no momento em que “*Tobias RieperMetzger*” adentra no matadouro. *Hitman*, antes de entrar no cômodo em que estava a garota dilacerada, se depara em uma espécie de cozinha repleta de utensílios típicos; um fogão estava aceso, onde um recipiente aquecia óleo; as facas, panelas e outros pertences encontravam-se pendurados pelos gabinetes naquela espécie de alento; o chão estava inundado com a água da chuva que vazava por uma protuberância na cobertura. *Tobias* visualizou naquele cômodo, duas portas, uma tinha por abaixo uma luz avermelhada e visível, um som suave era oriundo daquela porta; no outro umbral, a única coisa que chamava a atenção, era o som dos maquinários pertencentes ao matadouro. *47* seguiu em direção a porta mais “insinuante”. Quando *47* saiu do cômodo, donde estava a garota, ele retornou para aquela cozinha e se deparou com um homem

também trajado de funcionário do açougue. Um homem alto e um pouco obeso, sua feição era parecida com a de *Campbell Sturock*. Tratava-se do irmão de *Campbell*; 47 não sabia da existência de um irmão de *Sturock*, que possivelmente fora o co-autor do crime contra a garota seqüestrada. Um confronto avassalador se sucedeu naquela cozinha; o irmão de *Campbell* estava enfurecido, como um louco ele partia em cima de 47, arremessava as mesas do lugar em direção ao figura, assim como arrojava as variadas facas que se encontravam ali. O homem enraivecido, em determinado momento, consegue apanhar 47 e arrasta-lo por em cima dum balcão coberto de objetos comuns ao local; em certo comenos do cotejo, 47 consegue se desvencilhar das garras do opressor, 47 atira a panela, a que estava com óleo aquecido, ele a arroja em cima do homem em fúria. “*Tobias RieperMetzger*” aproveita o momento de fraqueza de seu opressor, e então apanha uma torradeira que estava ligada à tomada, segura o traste pelo fio, arremessa-o em direção a cabeça do irmão de *Campbell*, este que se vê quase nocauteado. Por conseguinte 47 pega o fio da torradeira e o usa para impar o homem desnortado. Durante o intento de 47, o déspota enfurecido desfere um golpe, quase que fulminante, com uma faca, em direção ao abdômen de 47. No entanto *Hitman* usa de seus últimos suspiros para conseguir estrangular seu opressor. Imagine uma cena onde, 47 segura o irmão de *Campbell* pelas costas e nesta posição o fio da torradeira sufoca o homem louco; um proscênio similar com de um homem segurando um saco enorme nas costas, sendo que o homem seria *Hitman*, e o saco o irmão de *Campbell*, este que “impugnava” golpes com faca, na tentativa de sair daquela situação. “*Tobias RieperMetzger*” termina com a vida de seu opressor. Contudo um ferimento em seu abdômen, o deixa em estado de agonia. 47 se rasteja por aquela

cozinha; ele apanha a mesma faca que o feriu e a esquentava em uma das bocas da querência; com o objeto em brasa, 47 passa a lâmina em seu ferimento na tentativa de cicatrizá-lo, uma dor indescritível se apodera do protagonista, e neste momento 47 perde a consciência, com isto o passado instigante no asilo vem à tona, pois 47 fora de si, passa a relembrar os momentos “medulantes” no sanatório. Neste último passo, o filme mostrará cenas que retratam o convívio “psicodélico” do clone 47 no manicômio. Desta forma o passado de *Hitman* se interpõe ao presente, e nos momentos em que o protagonista perde a consciência, “se é que ele a teve em algum momento”, é que o treinamento escabroso no asilo se aparece. Com tudo isto, o enredo de *Hitman* é marcado pela não linearidade e pelo apelo ao passado como norteador do futuro, uma ponte intrínseca se estabelece entre o “antes” e o “agora” do protagonista.

Na sequência ao enredo, 47 após escapar do evento, retorna ao caminhão que estava nos arredores do matadouro. 47 reabre a porta traseira do veículo, ali apanha as roupas abdicadas, e no mesmo lugar se depara com o funcionário que havia nocauteado. O homem ainda estava inconsciente e com uma aparência “enregelada”, pois havia ficado trancafiado em um caminhão projetado para conservar carnes, ou seja, o recinto era marcado por uma temperatura paupérrima. Contudo *Hitman* se esvai sorrateiramente do matadouro, até o próprio andar coxo que ele havia simulado, se desfaz. 47 aparentava estar exausto, durante toda a viagem ao trajeto que o levaria para casa, notava-se uma feição de quem estava no mínimo enfermo. 47 ainda encobria em seu terno um resquício do braço da moça

que tinha sido seqüestrada, o fragmento da moça estava coberto por um pequeno saco plástico, mas ainda causava suspeitas para quem o reparasse. Entrementes 47 prossegue sentado no último banco dum ônibus que tomou como condução, o veículo estava quase vazio, mas as pessoas que ali vinham, reparavam com um ar de perplexidade, o estado do *clone* 47. Finalmente o protagonista chega a sua estadia, que era temporária até conseguir o dinheiro para fugir da Romênia. Um lugar inóspito que ficava no subúrbio da mesma cidade onde situava o manicômio. 47 sobe as escadas que dariam de encontro com o seu apartamento; ele adentra no seu pequeno lar, apenas dois cômodos e um banheiro. Notava-se que não existiam recintos bem definidos; o quarto se misturava com a cozinha, que se intercalava com o banheiro; um fogão mal acabado ficava ao lado de uma cama, que era um colchão jogado no chão. 47 ao entrar no apartamento, vai logo de encontro ao “toalete”, onde passa momentos de tormento e mal-estar provocados pelo ferimento profundo em seu ventre. Por fim 47 se lava, e de certa forma, todas as lembranças de seu cotidiano de trabalho se esvaem com a sujeira acumulada em seu corpo. 47 adormece naquele lugar, e ali o passado do protagonista volta a infligi-lo.

Lembranças do treinamento explicam, de certo modo, as decisões que 47 tomou durante o seu trabalho primogênito, ou seja, 47 durante a instrução adquiriu variados tipos de conhecimento. Sendo que em uma seção de treino ele foi levado para uma sala onde deveria nocautear pessoas. Naquele lugar a voz de um instrutor que ecoava, induzia e o instruía de como deveria lancinar um alvo, a modo que este permanecesse incôscio. Acreditava-se que se poderia deixar um indivíduo fora de

si por até uma hora, dependendo do golpe e de como fosse realizado. Recordações, como a daqui citada, pretendem dar entendimento ao público que presenciar o filme, assim como também tornam o enredo, capcioso e instigador.

Somando-se tudo, a empreitada executada por *Hitman* em seu trabalho primogênito causou impactos não comedidos pelo protagonista. Enquanto o *clone 47* adormecia, um rádio a beira de sua cama noticiava o escape de um louco do manicômio, assim como informava que este mesmo fugitivo havia cometido vários crimes. Ligaram o foragido aos assassinatos no matadouro, inclusive foi lhe atribuído um possível envolvimento com a morte da garota desaparecida. O responsabilizaram também, pelo ocorrido no sanatório. O noticiário alertava sob a periculosidade do criminoso, da mesma forma orientava a qualquer um que tivesse informação sob o paradeiro do “louco”, a entrar em contato com a polícia. Por último o programa colocou uma entrevista com um sobrevivente do ocorrido no matadouro (seria o homem que *Hitman* havia nocauteado), a vítima estava atemorizada e falava titubeando com o repórter da rádio.

Contudo *Hitman* caía em profundo sono, alimentado por lembranças do passado. *Hitman* recorda novamente seu convívio no sanatório, ali ele relembra um fato que marcou sua existência no lugar. O *clone 47* rememora o dia no sanatório em que os padrões de treinamento foram transvertidos. *47* notou um grande alvoroço naquele dia. Em uma brecha em sua cela, *47* observou uma intensa movimentação nos corredores. *47* notou que o professor *Ort-Meyer* estava estarecido, e não

aparentava ter a mesma concentração. Durante uma seção de treino do mesmo dia, o professor pareceu estar perturbado e demonstrou muita distração. 47 observou que alguns clones mostravam-se fracos, outros sobre efeitos de drogas. Quando 47 retornou para a cela, após a seção de treino, foi demasiadamente medicado por um dos funcionários. 47 passou por momentos de delírio jamais sentidos antes, por meio dos efeitos de novas drogas. O *clone 47* estava a ter ataques em sua cela, parecia perder a consciência, enquanto sofria distúrbios por todo o organismo. Contudo 47, mesmo enquanto estava caído, agonizando no chão de seu aposento, ainda conseguia notar de relance, o professor *Ort-Meyer* enfurecido. O preletor estava a gritar com os funcionários, indagava por que o enfermeiro havia empregado drogas ao *clone 47*, sendo que ele havia orientado a ninguém fazê-lo. Por fim 47 meio que inconsciente notou os enfermeiros o arrastarem para a fora da alcova, ao passo que o professor continuava enraivecido, blasfemando contra os funcionários. Por conseguinte 47 acorda no andar superior do sanatório, em uma ala para recuperação.

Desde aquele dia, o *clone 47* notou uma queda na frequência de treinos e um relaxamento durante a execução das seções; ele também observou que um grande número de cobaias havia desaparecido, e os que restavam, mostravam uma insanidade proeminente. Portanto esta parte do filme traz a tona, o momento em que o foco do projeto foi transmutado, passou de caráter bélico para o fim experimental de novos medicamentos. Com tudo isto, um marco histórico é identificado no enredo, o fim da Guerra Fria e a ascensão da indústria de remédios como principal

credora do projeto que estava alocado no asilo. Somando-se tudo, nota-se que o enredo pretende abordar, mesmo de maneira superficial, temas do mundo coevo. E desta forma pode-se elucidar que a estratégia transita por momentos de ficção atrelados a fatos históricos, de modo que os eventos enredados no filme se misturam de tal maneira, que podem muito bem se confundir entre uma realidade ou fábula.

No seguimento do enredo, o *clone* 47 ao despertar na ala de reabilitação, se depara com o andar superior do manicômio, lugar que 47 nunca havia visto antes. Ele observa com perplexidade os arredores do local e fica abismado com a mudança de ambientação sentida. O lugar aparentava ares clínicos e ofuscava o meio assombroso que estava toldado no subsolo. 47 ainda sentia fortes dores de cabeça, semelhantes às aflições recebidas quando se feriu no abdômen (neste ponto percebe-se, que o mundo real do protagonista, influência as lembranças e sonhos do personagem). No renque de regeneração, 47 notava o silêncio absoluto só suprimido pelos constantes toques de telefone oriundos da recepção do sanatório. Em meio ao barulho incisivo dos toques, 47 desperta de um modo súbito de suas lembranças, ele retorna ao seu “presente”. O *clone* 47 acorda em cima dum colchão jogado ao chão em seu apartamento. A terra seca reduzida a pó, tomava conta do cômodo daquele quarto, em cima de um gabinete havia um telefone que tocava incessantemente, e por este motivo 47 despertou repentinamente, pois os sons dos telefones se confundiam (a lembrança e o presente do protagonista se intercalam), de modo que 47 acorda ao ouvir os estampidos em seu apartamento. 47 ao se

levantar observa que já era dia. A poeira do quarto ficava em evidência conforme as luzes do sol penetravam pelas arestas da janela na alcova. *Hitman* nota também o som de maquinários da construção de uma obra que se situava ao lado do prédio; ele percebe que era muito cedo para que aquela obra se iniciasse. Por fim 47 segue em direção ao telefone que tocava. 47 se vê intrigado com aquela situação, pois aquele quarto em que estava alojado era um lugar de extremo sigilo e ninguém sabia de sua permanência no local. Então 47 atende o telefone e neste momento um diálogo instigante se estende; uma conversa com uma mulher que se dizia pertencer a uma organização de serviços “ordinários”, a “*International Contract Agency*”. Aquela mulher alertava 47, dizia que ele havia sido traído pela organização clandestina, que o contratou para o evento na Festa do Rei da Carne. Em todo o colóquio, 47 se demonstrou inerte a tudo o que ouvia, e em nenhum momento questionou o disposto na conversa. Por fim a mulher dizia que 47 iria ser vingado em uma manobra da própria agência clandestina. Os antigos contratantes de 47 pretendiam encobrir todo o ocorrido no matadouro e para isto, 47 seria responsabilizado pelas mortes no local, assim como pelo assassinato da moça desaparecida. Em meio ao diálogo, uma espécie de elucidação se apoderava de *Hitman*; durante a conversação, 47 observava o vestígio do braço da moça dilacerada que estava em evidência sobre uma mesa, e vendo aquilo, ele percebia que era um alvo perfeito a ser incriminado, pois uma ligação lógica seria estabelecida se o encontrassem naquele quarto com um fragmento do braço da moça desaparecida. No final do diálogo, a mulher orientava 47 a escapar o mais rápido possível do apartamento, pois sua integridade havia sido revelada e um forte esquema com a polícia local já se formava ao redor do prédio, donde 47 estava

abrigado. Por fim, a mulher incita 47 a olhar de relance pela janela, e ali ele observa sorvido, um forte esquema policial, uma manobra que se concentrava entorno do edifício, um intento de invadir o apartamento de 47, sem que este percebesse, e para isto o sons dos maquinários da obra serviam de mimetização para a ação policial. Ao explicar o porquê daquele contato, a mulher dizia que a “*International Contract Agency*” possuía grandes interesses em *Hitman*, e por isto aquela ligação foi realizada. E para facilitar o efúgio do apartamento, a agência iria efetuar uma espécie de “apagão” nas proximidades do prédio, um corte de eletricidade seria feito por meio minuto, pois mais tempo iria despertar suspeitas nas autoridades. Com tudo isto o escape de 47 seria deliberadamente simplificado.

A partir deste ponto do filme, surge o aparecimento de um novo personagem, seu nome é “*Diana*”, a mulher que fez contato com *Hitman* no apartamento; “ela” seria uma espécie de mediadora entre a “*International Contract Agency*” e seus funcionários espalhados pelo “globo”. *Diana* se constituirá em um elo entre o *agente 47* e seus trabalhos. *Diana* em seus contatos assumia um papel que transmitia ares de confiabilidade, a própria entonação de sua voz revelava uma espécie de profissionalismo para com os “outros”. Dessa forma o *clone 47* era impulsionado a um orgulho típico de um profissional que executa com maestria um trabalho e se vê valorizado em suas ações. Portanto o papel de *Diana* era fundamental para naturalizar o que *Hitman* fazia, pois o modo como o clone era tratado durante as “ligações”, o induzia a uma aceitação e conformismo para com seus objetivos, além duma sensação de “fazer o certo”, o satisfazia. Dessa forma o *clone 47* encontra um

significado para a vida, assim como justifica a existência individual. Cabe ainda dizer que *Diana* era um personagem, o qual o *clone 47* jamais havia visto pessoalmente. *47* não possuía a menor idéia da aparência desta mulher, a única informação sob *Diana*, era a voz capturada, que transmitia fiabilidade, uma vez feitos os contatos com a agência.

Com todo o ocorrido, torna-se evidente o poderio e influência que estavam concentrados na *Contract Agency*. Uma organização que consegue realizar um “blecaute” em determinado momento, sobre uma região urbanizada, em um país que parece não ser um compatriota, demonstra uma supremacia assustadora, assim como traz a tona um cenário de geopolítica até em tão não mensurado, e uma pergunta deve ser questionada com toda esta situação: Até que ponto a hegemonia de uma nação influencia a conjuntura global e interfere em países “vizinhos”? A resposta vai muito além da “lucubração”; com a nova concepção sob a morte do presidente Kennedy, que foi apresentada neste enredo, pode-se estabelecer uma relação entre a conspiração que levou ao assassinato do presidente e a organização “fantasmagórica” que contatou o clone. Sendo em ambas as ocasiões, um interesse privado predominante. O enredo permite acreditar que a *International Contract Agency* esteve presente no conluio contra o presidente estadunidense, e o filme facultara ao público esta possível interpretação. Contudo fica claro que o individualismo é uma propensão do mundo contemporâneo, o mesmo eleva o caráter vil dos indivíduos em uma sociedade. Além do mais, quando uma instituição particular sobressai os interesses dum coletivo, uma situação de desequilíbrio se

instaura, e com isto, a natureza humana pode ser sucumbida pelo caráter infame, que só pode ser “contrabalançado”, pelo convívio pacífico e harmonioso, consubstanciado no contrato social, por meio do respeito mútuo de limites, através de normas e condutas. Portanto o enredo ganha mais significado com os últimos acontecimentos. Todavia se estabelece uma ligação entre os eventos do início do enredo e os últimos fatos ocorridos, e mesmo que a conexão estabelecida seja aparente, já é suficiente para dar esclarecimento e qualificar um porque de um começo do filme com elementos históricos, que libram um passado remoto.

Cabe enfatizar a parte do enredo na qual *Hitman* se vê encurralado, sem saída, a mercê de uma voz desconhecida, uma pessoa que lhe encorajava a acreditar. Esta fase é um momento do filme que propicia o surgimento de cenas cativantes, imagine tais situações: O personagem cercado por uma manobra policial, que buscava invadir o apartamento no qual estava alojado, e diante desta situação, o protagonista aguardava o sinal da agência, pois *Diana* havia informado na ligação, que uma queda de energia iria ocorrer por volta de trinta segundos, seria o corte no fornecimento de eletricidade. Então 47 espera pacientemente “as luzes se apagarem” e quando isso acontece, 47 se vê movido com imponência ao escape daquele lugar, e em contrapartida, a polícia invadia o prédio. Entretanto os policiais se vêem petrificados perante o corte de energia, o que facilitou a fuga do protagonista daquele lugar. No escape, 47 parte em direção ao cômodo em que situava a cozinha do apartamento, ali ele se depara com varias “manutenções” de outros “cubículos”, pois cada andar do prédio continha quatro apartamentos, e dois

destes tinham suas respectivas cozinhas, justapostas uma de frente para a outra. Portanto 47, ao alcançar o cômodo, se defronta com a janela que dava de encontro com as janelas dos outros apartamentos do prédio. Então *Hitman* se projeta para fora de seu habitar, ele se lança da janela da cozinha do seu aposento. Feito conseguido por meio de um salto, no qual o personagem se pendura pelo lado exterior da ventana, se impulsiona ao flexionar os joelhos e atinge um andar inferior ao de antes. *Hitman* estava no quinto andar, com o salto ele passou para o quarto andar do prédio. *Hitman* realizou um esforço físico surpreendente, ele saltou de uma distância relativamente prolixa, cerca de seis metros entre a janela da cozinha e a camada descensional. 47 então atinge um andar abaixo, já que saltar para a área do outro apartamento, no mesmo andar, era praticamente irrealizável. *Hitman* foi amortecido na queda por uma mesa que estava encostada na parede da janela que adentrou. O apartamento que ele apossou estava vazio, pois com a ação policial todos os moradores foram apartados do edifício. Em meio a tudo isto, a polícia encontrava-se aturdida, o “blecaute” foi algo que estava longe do conjecturado. Além de tudo, quando os policiais invadiram o apartamento de 47, se depararam com o lugar vazio e sem a presença do clone. Por conseguinte *Hitman* segue até a sala do apartamento, o qual ele então ocupava. Ali o protagonista desmonta um sofá de dois lugares; o móvel da casa era composto pelo assento e pela parte de encosto, esta última era uma peça relativamente pequena e fácil de se manusear; com o encosto em mãos, 47 se direciona para a janela da sala, ali ele salta de uma forma prodigiosa, ele atravessa cerca de quatro andares até atingir o solo que dava de encontro com algumas vielas, estas que desembocavam por bairro acima. *Hitman* usou a peça de encosto do sofá como abafador para a queda! 47 se recuperou do

impacto com o chão, após poucos segundos do salto. Por fim ele seguiu sorrateiramente para longe daquele lugar, sendo que a polícia ainda estava a procurar por todo edifício, pelo paradeiro do foragido.

Contudo, com a retratação dos momentos em que *Hitman* escapa do apartamento, é possível provocar fortes impressões no público. Esta parte do enredo é dosada de elementos de ação, da mesma forma, as cenas desta fase do filme demonstram a destreza física e preparação psicológica que circundavam o personagem, pois *Hitman* agiu com temperança diante de uma situação atrelada a uma pressão avassaladora, uma ocasião de tensão inflamada. O protagonista, mediante a todo o ocorrido, manifestou muita frieza e perspicácia nas ações tomadas para a fuga; parecia natural aquela situação que o protagonista vivia, e deste modo, mais uma faceta do incisivo treinamento no manicômio se amostra, uma habituação com situações de opressão infligida. Contudo, cabe dizer que o interesse da *International Contract Agency* para com o *clone 47*, era justificado pelo fato de o protagonista ser um indivíduo único com características peculiares, que condiziam com os interesses da agência, pois *47* era desapegado do convívio social e sem laços com um passado parental, ou seja, *Hitman* não tinha qualquer origem familiar, sendo que ele era o fruto do advento da clonagem, e com isto, inexistiam-se quaisquer provas, da mesma forma, nenhum documento que o ligasse a sociedade como pessoa. Além de tudo o *clone 47* era um funcionário perfeito, sendo que suas ações não causavam um grande estardalhaço, o que evidenciava a tendência de viver “a surdina”. Além do mais *47* é um assassino extremamente habilidoso com

aptidões em nível de excelência. Sendo assim a agência logo foi de encontro ao figurante matriz, com intuito de propor um contrato voltado para serviços “sujos”. Cabe ainda dizer que a *International Contract Agency* possuía uma tamanha influência e poder, que até a sua existência era questionada. A agência era tão fantasiada como a existência de *Hitman*, ambos eram mistificados e reconhecidos na sociedade como “lendas urbanas”. Desse modo qualquer ação da agência era aludida na sociedade como iniciativa de grupos terroristas, também como crimes sem solução com inquéritos inacabados. Dessa forma os delitos cometidos pela agência em diversas partes do globo, eram encobertos por fatos do cotidiano, ligados ao mundo coetâneo.

É conveniente neste ápice do escrito, promover uma breve apreciação sob a indústria de armas e a ideologia da violência sustentada. Todavia, tais seguimentos criam à ilusão de serem imprescindíveis e substanciais. Na verdade, o mesmo sofre pesadas perdas financeiras, não sendo economicamente viável. “Ludwigita Eisenhower” ex-presidente norte americano, já previra em 1961 a ascensão e os riscos do que ele chamou de “complexo militar-industrial”. Ela é altamente subsidiada, sendo um negócio de capital e não de trabalho intensivo, isto é, não cria empregos. Tais subsídios desviam os recursos públicos de outras prioridades, tais como a erradicação da pobreza. Dizer que a indústria armamentista é um caminho mais curto para o desenvolvimento industrial é uma falácia, sem mencionar o ônus causado ao sistema público de saúde com as internações e seqüelas do uso das armas de fogo. Até mesmo os offsets, práticas proibidas pela OMC, são permitidas

nas negociações militares por serem consideradas questões de segurança nacional. Práticas secretas geram corrupção no Terceiro Mundo por contaminação pelo que já ocorre no Primeiro.

A indústria armamentista sobrevive através do medo que ela fomenta entre as pessoas e as nações e por meio do modo como financiam os partidos políticos. Ela vende armas para dois parceiros, e depois cria um conflito onde nada existia. É uma indústria fora do controle e, segundo a Transparency International, é aquela com maior tendência à corrupção, ganhando inclusive da indústria petroleira. Isso porque a segurança nacional até recentemente estava fora de qualquer questão. Os militares e os políticos supostamente conhecem mais que o povo. Sem o medo, a mais irracional de todas as emoções, não há porque se ter um tanque ou uma arma. A tragédia em Nova Orleans em meados de 2005 denuncia a miopia do militarismo. Equipamentos e recursos humanos que deveriam estar à disposição da população hoje definham no Iraque. Fundos que deveriam ser empregados para a prevenção de enchentes foram deslocados para a guerra. A “mundivisão” estadunidense é tão militarizada que as primeiras lojas a serem saqueadas foram as de armas de fogo. Atirava-se até mesmo nas equipes de resgate. Um recente estudo da ONU declara que os EUA têm uma “estratégia militar hiperdesenvolvida e uma estratégia de segurança humana subdesenvolvida”. Ele prossegue afirmando que “pobreza e caos social são as verdadeiras ameaças à segurança global”. Os EUA têm uma obsessão com a guerra e com a resolução militar para problemas sócio-econômicos: “guerra contra a pobreza”, “guerra contra as drogas”, “guerra contra o terrorismo”. Soluções

militares somente prolongam e tornam os problemas mais complexos. Assim foi no Vietnã, assim está sendo no Iraque.

O enredo passa, em seqüência, pelos tramites derradeiros. *Hitman* escapa com êxito do apartamento em que estava alojado na Romênia. Por conseguinte 47 consegue compactuar um contrato com a *International Contract Agency*, no qual a identidade de *Hitman* será resguardada em extremo sigilo. Pelo disposto na convenção, o protagonista passará a ter como “codinome”, *agente 47*; ele receberá o pagamento dos trabalhos em conformidade com a execução dos mesmos, ou seja, será estabelecida uma relação de proporcionalidade entre a execução e o valor ideal do trabalho estabelecido. Sendo que a agência não institui qualquer limite ou empecilho, assim como não há nenhuma conduta preestabelecida para as ações do personagem em suas missões. Dessa forma o *agente 47* age independentemente de uma moralidade consubstancial. Não há obstáculos para as execuções de *Hitman*, o que existe é uma diminuição do valor ideal do trabalho a ser pago, em detrimento do estardalhaço provocado nas missões, ou do aparecimento do protagonista nos veículos de comunicação, ou seja, se o *agente 47*, ao executar um trabalho, deixar rastros ou provas de seus atos, ele será punido com uma eventual diminuição do pagamento para o trabalho estabelecido. Da mesma forma ocorre uma subtração da remuneração, caso haja vítimas alheias aos interesses da agência, sendo um desconto relativamente grande, o da morte de “inocentes”. Portanto a agência clandestina, aqui citada, tem como objetivo, profissionalizar os serviços de assassinato e de mercenários, assim como também, tem a finalidade de

representar os interesses de particulares. A agência seria uma espécie de contemporização das instituições secretas de governos antepassados, sendo que a existência de uma “KGB” seria amplamente questionada no mundo atual. Dessa forma estas instituições perderam, com o passar do tempo, o caráter de órgão defensor da pátria e procederam o agir, em benevolência dos interesses privados.

Contudo de volta ao enredo, *Hitman* passa a fazer parte do quadro de funcionários da *International Contract Agency*, mesmo que de modo temporário. O *agente 47* passa a ter acesso a um extenso leque de recursos ligados aos serviços que seriam realizados; *47* passa a possuir inúmeros aparatos que serviriam como instrumentos para a execução dos trabalhos. *47* recebeu da agência uma maleta que abrangia diversos itens como: seringas letais (continham substâncias venenosas); seringas com fins medicinais, sendo que a mala continha uma dose de adrenalina a ser aplicada por uma seringa, em direção ao peito, a fim de atingir o coração (usada em casos de parada cardíaca); um cordão de aço para estrangulamento; duas armas idênticas e de grosso calibre; um rifle de alta precisão, sendo que arma era desmontada em varias partes; e um composto usado para deixar qualquer pessoa, inconsciente por até meia hora. Todos os objetos eram bem distribuídos pelo espaço na maleta. Além de tudo, a mala era feita por uma tecnologia que permitia a transposição em detectores de metal, com isto o *clone 47* tinha uma livre circulação por aeroportos e outros locais com elevado nível de segurança.

No seguimento do enredo, *Hitman* durante o escape do apartamento na Romênia, conseguiu informações preciosas no contato com *Diana*; ela avisou ao *clone 47*, além da aleivosia dos antigos contratantes, como também para ele se dirigir ao aeroporto, após a evasão do apartamento. *Diana* disse na ligação que *47* no aeroporto encontraria um dos representantes da agência; ali seria firmado um contrato sigiloso com a organização. Então *Hitman* seguiu em direção ao aeroporto da localidade; logo em um latão de lixo que se encontrava nos arredores do lugar, o *clone 47* encontra uma carteira que continha documentos falsos e uma passagem com destino ao Brasil; estes pertences foram descobertos por *47*, em virtude das informações dispostas por *Diana* na ligação ulterior. Então *Hitman* seguiu em direção ao voo que o levaria para longe da Romênia e logo o deixaria liberto da insaciável perseguição que se estendera naquele país. Por conseguinte o *clone 47* segue no embarque do avião; incrivelmente a segurança se encontrava minorada no aeroporto, o que revela mais uma vez, o poderio da agência. Por fim *Hitman* embarca no avião com o destino exposto em sua passagem. O *clone 47* aguarda sentado em lugar numerado, conforme o determinado no passaporte. Enquanto o avião não decolava, *47* observava o “encher” de passageiros no embarque, pois ele estava aflito e a todo o momento sentia que a polícia poderia adentrar naquela aeronave. Entretanto em meio à distração de *47*, estavam sentados, na fileira de bancos atrás, dois passageiros “corriqueiros”, um deles era aparentemente uma mulher e o outro um homem. Um diálogo muito instigante se estende naquela embarcação; a mulher começa a falar com *47* – era *Diana* da agência – *Hitman* se vê abismado com toda aquela situação, ele se sente pequeno diante da supremacia da agência. Enquanto a mulher dialogava com o protagonista, o homem passava

vários envelopes para as mãos de 47, neles estavam todos os documentos inerentes ao contrato, e também, às informações necessárias para a execução do primeiro trabalho para a agência. Durante a conversa o homem transfere, a 47, uma mala, a qual continha instrumentos úteis para o serviço estabelecido. Por conseguinte o avião tem uma espécie de “obliteração”, suas luzes se desligam por um intervalo de poucos segundos, o avião ainda estava no chão. Quando a energia retorna, uma voz passa a dizer aos passageiros, a evacuar aquela aeronave, pois uma pane havia impedido sua decolagem. As aeromoças orientavam os passageiros a saírem do avião e seguirem em direção a outro embarque. Em meio a tudo aquilo que aconteceu, 47 reparou na sua dianteira, na fileira de bancos, e já não havia mais as duas pessoas do colóquio; 47 nota que provavelmente *Diana* havia se misturado com o conglomerado de pessoas que evacuavam o avião. Portanto a voz é a única informação sob *Diana*, além da forma cordial, que transmitia confiabilidade nas prosas com o protagonista.

Na seqüência 47 embarca no avião com destino ao Brasil, mais precisamente, para a cidade do Rio de Janeiro, lugar onde o agente irá realizar a primeira execução para a agência, dentre as outras pertinentes no contrato. O agente, logicamente terá uma identidade falsa sobre o nome de “*Jacob Leiter*”, mais um de seus aliases. Na cidade litorânea, o objetivo do executor, é o assassinio de um dos mais poderosos representantes da indústria de armamentos, “*Bruce Jackson*” um homem de origem estadunidense; ele era visado como um “gringo” que passava férias no Brasil. *Bruce* estava no país para negócios que seriam conclamados com a

empresa nacional “*Taurus*”. O representante da “*Lockheed Martin*” estava acompanhado do porta-voz “*Peter Simmons*”, ambos ligados ao pacto com a empresa local. Contudo o representante e o porta-voz foram seqüestrados na via expressa que liga o centro da cidade ao Aeroporto Internacional Tom Jobim e à Baixada Fluminense, na conhecida “linha vermelha”. Em um intento ligado a pessoas do tráfico e as milícias locais, os dois estrangeiros foram arrestados de seus veículos, uma manobra prodigiosa dos “nativos”, sendo que ambos os “forasteiros” encontravam-se guarnecidos por uma vigilância densa.

Somando-se tudo, para a execução de *Hitman*, a agência havia elaborado um esquema, no qual o protagonista será enviado à cidade litorânea como um oficial da inteligência dos EUA. Dessa forma um plano de resgate dos representantes da *Lockheed Martin* será tramitado em convenção com uma das polícias especiais do Rio de Janeiro. Então a ação abrangerá mandatários das duas nacionalidades aqui exprimidas, sendo que a iniciativa fora conceituada após o enclausuramento dos “peregrinos” da Lockheed. A diligência envolverá o grupo de ações táticas especiais da localidade e uma equipe específica, oriunda da América do Norte, na qual será composta por três homens, e dentre eles estará “*Jacob Leiter*”, o protagonista. Portanto a intromissão de *Hitman* na equipe procedente dos EUA é peça fundamental para o desfecho vislumbrado pela *International Contract Agency*, pois a organização aduzia que a melhor oportunidade de se liquidar com o alvo, seria com toda aquela situação de arrepsia latente. Além do mais, *Bruce Jackson* era um homem que tinha consciência da visibilidade, ou seja, ele compreendia os riscos de

ofício do cargo como representante de uma organização com interesses polemizados. Soma-se ainda o fato de *Bruce* ser demasiadamente paranóico, um indivíduo cauteloso. Dessa forma a agência acreditava que quando os “indigentes” fossem reabilitados, eles abruptamente “sumiriam do mapa”, e logo ficariam por um longo período, longe das lentes inimigas e distantes das manchetes nos jornais.

Então o filme caminha com a representação do dia em que a tenteia policial será executada. Antes de enveredar a intentona dos “civilizados” é necessário descrever a rotina de 47 ao ingressar no país. Sendo assim o personagem, logo após o desembarque no Rio, avança em direção ao ermo no qual será abrigado durante a estadia na cidade à beira-mar. Durante o trajeto que levaria o protagonista para o apartamento provisório, 47 utiliza como condução os trens da “Cidade Maravilhosa”, e neste ponto um panorama alicerçado nas sociedades hodiernas será consignado ao enredo. Um quadro de dissimilitude será manifestado com a amostragem do cenatório que está envolto no percurso do personagem, uma conjuntura que dissemina a desigualdade “ululante” imputada nas coletividades do mundo coetâneo. Neste estágio do enredo, o filme abordará a problemática dos países “emergentes”, onde se constata em uma amalgamação, a coexistência de classes antagônicas na questão da distribuição de renda. Em uma atmosfera de desconforto social, o protagonista será inserido de uma forma apática, de modo que a presença do personagem não influa sobre o “epicentro” desta etapa da trama. O mesmo conseqüência obtido no documentário “Ônibus 174” será pretendido neste passo do enredo. Sendo que na obra de Padilha, observa-se, logo no início da feitura, uma

alegoria na amostragem das cenas, o que ocorre na exibição das imagens aéreas capturadas. Nota-se a passagem de zonas ricas do Rio de Janeiro para áreas pobres que se bifurcam na periferia da cidade. Portanto a mesma noção de proximidade, entre classes distintas, auferida no documentário será vista nesta etapa do filme. Assunta-se no “Ônibus 174”, uma percepção de conglomeração dos problemas da cidade, de maneira que a propinquidade entre áreas ricas e pobres , torna-se extremamente miúda. Todavia a estória de *Hitman* será enjeitada durante os momentos corriqueiros do protagonista na “Cidade Maravilha”, e nestes pontos o personagem será desfigurado, de forma que o cenário no qual está circunscrito, passará para o enfoque principal das lentes. Sendo assim o meio, de caráter social, em que o principal figurante está inserido, passará a ter status de personagem, seria a personificação do meio histórico-social como um todo, um cenário que se materializa em forma de pessoa, e um *personnage matriz* que decai para o papel de coadjuvante.

Contudo o *agente 47*, após apear-se do comboio aéreo, seguiu no passo do encarrilhar da locomotiva carioca, em um vagão saturado com pessoas de múltiplas etnias e condições socioeconômicas distintas; o “ali figurante” prossegue na direção ao apartamento interino. As pessoas que embarcavam no vagão, lobrigavam o protagonista com certa perplexidade. Cenas análogas ao da película “Central do Brasil”, dirigido por “Walter Salles”, ditaram esta etapa do enredo, pois na obra de Salles é possível identificar uma miscigenação de camadas da sociedade e quando capturadas em imagens, suscitam a quimera de valores toldados na comunidade. O

protagonista naquela viagem assumia o papel de figurante indigesto, como um desaire inserto em um quadro repulsivo; o figurante não se encaixava de forma alguma no cenário; como um pedaço dum quebra-cabeça colocado sobre outro distinto, como um coadjuvante sem relação com o contexto, que por final assumia a personalidade principal. Por conseguinte o figurante atinge sua estalia, em uma vivenda modesta o agente segue embalsamado pelas expectativas de realizar seu tirocínio capital para *International Contract Agency*. Na pousada, o servidor da agência conjecturava o conteúdo da mala que havia angariado da “empregadora”. Logo o executor se depara com o contido no malote; ele fica pasmado ao saber da existência de armaria no interior da bagagem, diversos objetos de metal estavam espalhados pelo receptáculo; o personagem fica absorto com tudo aquilo, 47 não acreditava que seria possível transportar armas em terminais de aeroportos, sem ser identificado pelos detectores. 47 nota também que nos envelopes recebidos na conversa com *Diana*, estavam todas as informações sob os alvos, assim como, as diretrizes e protocolos a serem desempenhados na empreitada. Por fim o protagonista ficou o resto do dia na leitura e observação das papeletas que tratavam o “trabalho” proposto. Ele constatou a efetividade de mais um serviço pretendido pela *ICA*, além do efetuado no Rio, seria o assassinio de um representante mercantil. Não havia informações a respeito deste escopo, o que se conhecia era o lugar onde seria a execução da póstera vítima, na “Terra da Garoa” mais precisamente em um edifício comercial situado na Avenida Paulista. O cliente exigia uma execução em público. O credor determinou também que o artífice do fato deveria ser atribuído como um autocídio, ou suicídio. Sendo assim, ocorreria a confirmação das exigências do cliente, com a publicação dos periódicos locais, por

meio de jornais e mídia impressa, ou até pela manifestação das autoridades oficiais.

O decurso do enredo retratará as vistas da diligência que desenvolverá a libertação dos cativos da Lockheed, sendo um intento policial concentrado no conjunto de favelas da Maré, pois ali existem fortes indícios de possíveis locais com cativeiros encobertos pelo aglomerado de barracos da região. Então fica claro que a imissão do *agente 47* na equipe oriunda dos EUA, é peça crucial para o êxito das aspirações da agência. Sendo assim *Hitman*, logo após a acomodação no apartamento transitório, continua na vereda ao departamento de polícia, onde firmará a presença no grupo de resgate. Contudo cenas relevantes devem ser exibidas com a ida do personagem ao departamento, pois o protagonista em nenhum momento se incumbiu de exercer algum diálogo no idioma local. Sendo que o conhecimento do figurante principal sob a língua nativa é relativamente remoto, uma situação de embaraço será estabelecida e uma sutileza pretendida pelo filme será espreitada. Uma alusão pode ser entendida com os últimos eventos, a aceção de que no mundo coetâneo cada vez mais se apregoa a “dessocialização”, seria a quebra do conceito de sociedade ligado as coletividades, uma usurpação do individualismo em face ao coletivismo, sendo que um se desfigura e perde a identidade, o outro se fortalece e dissemina as causas singulares. Entrementes o diálogo entre “*Jacob Leiter*” e o departamento flui sem grandes obstáculos, pois já existia uma expectativa, por parte do departamento, da chegada de estrangeiros e da necessidade de se adaptar a isto. A comunicação seguiu em conformidade aos trâmites pretendidos pela agência. O executor firmou com maestria a participação na

intentona policial e não causou suspeição nas entidades autóctones. Cabe destacar a conversa que firmou a inclusão de “*Jacob Leiter*”, na iniciativa de libertação dos cativos. O colóquio foi marcado por uma relação de impessoalidade entre as partes; os dois lados foram tratados como números ambulantes e nada além mais disto, o que facultou em muito a inserção despercebida do protagonista, uma sutilidade do filme que pretende despir as relações interpessoais no mundo coetâneo.

Na prossecução da trama, o dia do livramento será posto em foco. A ação tem seu início logo na matina; percebia-se certo nervosismo nas equipes como um todo. Um comboio com três viaturas fretava os representantes da diligência, que estavam dispersos em três grupos, ambos circunspectos por mandatários das duas nações em questão. O *agente 47* estava abordo em um dos veículos que conduzia a empreitada de salvamento; ele representava o elemento estrangeiro da equipe que era constituída de cinco pessoas, quatro nativos e um lordaça. O combinado de carros adentrava morro acima e quanto mais os militantes penetravam na favela, maior era a compreensiva dos moradores da faveleira; os íncolas daquele lugar anunciavam com o arquejar de fogos de artifício a chegada dos “gambés” nos morros. Um desaguisado se apossa no lugar, moradores e milicianos se debandavam pelo local. Todavia a comitiva policial invadia com muita dificuldade o outeiro. Em determinado momento da empreita um dos veículos é alvejado por bandoleiros do cabeçorro, o que força uma separação antecipada da leva de carros. A diligência se desmembra e os grupos são particionados em detrimento do disposto no professo pela inteligência. Em meio a tudo isso, o protagonista só se preocupava

com a execução do alvo. Enquanto toda a ação vislumbrava excarcerar os cativos, “*Jacob Leiter*” precogitava o cumprimento do “trabalho”. Em certo comenos a diligência é compelida a largar os veículos e seguir o trajeto galgando as escadarias do cabeçorro. Duas das equipes que iniciaram a empreitada continuam na ação, sendo que o outro grupo havia sido alvejado durante a incursão no morro. Entrementes os militantes remanescentes seguiam em passos largos na busca dos locais que se determinavam como cativeiros. Por conseguinte “*Jacob Leiter*” e a comitiva restante se deparam com uma possível clausura, um lugarejo com esgoto a céu aberto. Por ali um conjunto de barracos firmava uma só edificação; em meio ao barro e lamaçal observava-se uma espécie de forte encoberto por gramíneas, este propugnáculo tinha a origem, juntamente com o término do córrego que circundava aquele domínio. Os remanescentes progridem no interior do baluarte, um local soturno com entulhos esparramados; só havia um caminho que era acompanhado pelo esgotamento por céu afora. Conforme os militantes ocupavam o lugareiro, mais o nível d’água acrescia e encobria suas gramaturas. Por fim a diligência se atina com uma espécie de albergue, onde um emaranhado de portas com cubículos se fazia presente. Os militantes seguem na direção do ádito matriz, por onde se concentrava o maior estrépito daquele domínio. “*Jacob Leiter*” e seu bando se deparam com drogados que utilizavam o baluarte para a prática do vício, da mesma forma o recinto era servido como abrigo para alguns indigentes da região. Enfim a intentona atinge seu ápice, em uma alcova trancafiada, os militantes afrontam-se com a mais provável clausura dos representantes da *Lockheed Martin*. A porta é derribada e no seu recôndito viam-se duas pessoas agrilhoadas, amordaçadas. Em um ambiente lóbrego, os dois lordaças estavam em estado anêmico; debilitados pela

rotina de encarceramento, seus físicos demonstravam ares elanguescentes e uma velhice casual se atribuída a suas feições. A comitiva policial – doravante constituída de dois grupos com cinco integrantes, ambos com um elemento adventício e “*Jacob Leiter*” o representava – avança em direção a soltura dos enclausurados. Naquele instante o protagonista maquinava os meios de atingir seu propósito. Ele sentia a proximidade física com seu escopo, mas percebia, “entre tantos”, as intempéries de toda aquela situação. Como desenlace para este passo da trama, uma erupção de vicissitudes será apresentada: a militância é compelida a um “círculo de fogo”; não se sabe ao certo qual, ou se subsistiu a participação da “agência” nos ocorridos; os remanescentes são encobertos por uma esfuziada sem precedentes; a diligência é quebrantada em um morticínio sem igual; a malta supérstite é impelida a arrendar-se do baluarte como um todo; “*Jacob Leiter*” encontra-se entre os afaluados no certame. Pero o personagem avistava-se no chão da recâmara, juntamente com seis dos nove policias da comitiva remanente. Os arrendados – cerca de três militantes – cada vez mais eram compelidos a sair do propugnáculo. Em meio aos eventos, “*Jacob Leiter*” estava caído, ocultado pelos corpos dos alvejados, que circundavam os arredores da alcova “ambicionada” na ação policial. A milícia eclodia de um só deslado. Os bandoleiros transcursavam pelo corredor no qual se ramificava os cubículos que constituíam as “células-cativeiro”, e com isto, os facínoras seguiam por acima do bando policial abatido no cotejo; “*Jacob Leiter*” se fazia presente entre os combalidos. Em certa altura, quando a quizila se afasta da cela dos cativos, no momento em que o fragor do conflito se distancia da alcova em questão, observa-se por entre os corpos amontoados, um rebuliço em meio aos cadáveres e mazelados. Tratava-se do protagonista, que se vasquejava sobre o piso ensangüentado. *Hitman*

havia contraído fortes cissuras que o deixavam em estado de flagelação; o personagem estava a ter espasmos dentro do cárcere; em meio a tudo isto, apercebia-se *Bruce Jackson*, ainda amordaçado e com os olhos vendados; *Bruce* afigurava-se atemorizado com todo o acaecer, da mesma forma se encontrava o porta-voz da Lockheed, *Peter Simmons*. Contudo o personagem será levado, mais uma vez, ao passado no sanatório. É nos momentos de amofinação na cela que *Hitman* rememora a etapa no asilo vincada em sua reminiscência.

Nesta altura do filme é apropriado entremear os comenos que retratam o martírio do protagonista com as lembranças atreladas ao convívio no manicômio. Sendo assim o ideal seria, em uma tomada consecutiva, amostrar a intercalação do momento em que o personagem perde a consciência e regressa ao pretérito no asilo. Então em uma mesma cena visualizaria-se, o figurante principal na perspectiva de tribulação, caído e agonizando no piso da recâmara e neste átomo observaria-se a visão do personagem obscurecendo, como se o protagonista estivesse malogrando os sentidos. Posteriormente o convívio no manicômio será posto em foco. Em um panorama, de intróito, integralmente obscuro, a seqüência da película retratará a ótica do personagem protagonista. Sendo assim a visão de *Hitman* será demarcada pelo extremo escuro que o cerca com o abatimento na alcova dos lordaças da Lockheed. O figurante basilar se verá por alguns segundos, logo em decorrência ao flagelo, em meio a um crepúsculo predominante. Portanto é de grande valia a construção de cenas que dêem o entendimento na perspectiva do protagonista.

No caminhar da trama, “*Jacob Leiter*” segue embalado pela reminiscência no manicômio na Romênia; sobre o pretume em seu tormento, cercado pela ausência de luz e sem divisar qualquer coisa ao arrabalde. Entretanto em determinado átimo, subitamente desponta uma luminosidade, que aos poucos permite ao personagem aclarar o que se passava no limítrofe. O *clone 47* se reanima e conforme o efeito das luzes pungentes iam se atenuando, mais o personagem visionava o domínio, mesmo que ainda estivesse perturbado pelo agravo em seu corpo (outro ponto onde o presente interage com o pretérito). Em uma sala encanecida, o protagonista encontrava-se deitado, caído de bruços, da mesma forma em que estava quando foi abatido na cela dos lordaças. Dessa maneira é possível elucidar que o presente se interpola de forma contínua e ininterrupta com o “sabatar” do *clone 47*, ou seja, na óptica do personagem ocorriam, em tempos consecutivos, a flagelação na favela no Rio de Janeiro e a vivência no manicômio na Romênia. Sendo que é possível precisar a transição destas diferentes realidades, com a amostragem de cenas que denotam a visão do protagonista; imagens de obscurecimento, com a perda da consciência e afigurações de galvanização do personagem ao ingressar nas lembranças. Todavia o *clone 47*, cada vez mais se convalescia dos estropícios imprimidos pela luminosidade do átrio. O personagem regressa a condição de cobaia; *47* consegue finalmente identificar as imediações daquele lugar e constata que estava no seio do sanatório, na sala albescente onde se praticavam as instruções mais complexas, um local perturbativo, rodeado de um fulgor artificial e com um símbolo ressaltante no centro do recinto. O *clone 47* desperta por inteiro, ele estava a exsurgir em meio a figura que delineava o piso. Neste ponto da trama, a mesma interpretação conferida pelo figurante principal será consignada ao público

que presenciar o filme, sendo que a sala agora em foco já havia sido ilustrada em noutro, no início da história de *Hitman*. De volta a malhada, o *clone 47* percebia a taciturnidade que circuncidava o salão e os limites do lugar eram encobertos pela neblina branca que fazia contraste com todo o domínio. Ao erguer-se por inteiro, o clone nota um de seus pés agrilhado a uma amarra de ferro que se estendia até o centro da sala, onde então uma haste fixava o fuste ao chão. Em seguida, *47* observa atônico, um rugido que se assemelhava com o de um leão; o bramido se insurgia mediante ao silêncio que impetrava até então o ambiente. Conforme os urros iam se perpetuando no meio, ficava cada vez mais claro a existência de um fêlidas. O grande quadrúpede aparentava só pelos frêmitos, afogo e esgana. Em meio a tudo isso, a voz do professor *Ort-Meyer* começava a ressoar e se entremear com os rugidos do animal. Por fim *47* compreende que todo o ocorrido objetivava tecer um treinamento, cujo o preceptor se concentrava na figura do *Dr. Ort-Meyer*. Entrementes o preletor informava a *47* das circunstâncias da instrução; *Meyer* alerta o clone sob o estado em que se encontrava a fera latente; o doutor elucidou que a besta fora enjaulada e submetida, por um lapso extenso, a um tratamento que incitou o animal a violência sem precedentes, uma impetuosidade e fúria acima do normal, um ser que respondia a qualquer estímulo com alarvaria. A entonação de *Ort-Meyer*, em todo o colóquio com o protagonista, demonstrava a situação de tensão em que tramitava o enredo; o *clone 47* seria sujeitado a um gládio com uma besta estimulada a violência; *47* estava amarrado e sabia que a qualquer instante, por entre a nebulosidade do salão, sairia uma fera com sede de morticínio. O embate tem sua incoação; *Hitman* nota que, a uma curta lonjura, havia uma mesa metálica e sobre esta, observava-se um conjunto de ferramentas cirúrgicas, assim

como notava-se uma porção de objetos de cunho doméstico. Com aqueles instrumentos, o clone teria que exinanir o êmulo da orbe em questão. Enquanto o animal tinha livre circulação pelo salão, 47 ainda estava agrilhado, mesmo após o início do discrímen. A movimentação de 47 era delimitada pela dilatação da corrente que o aprisionava. Contudo o félicas aparece, saindo por dentre a nevoa que cercava o átrio; forrado de ferimentos, com uma compleição de maus-tratos, um grelar hiante e andar embriagado-alucinado. Deveras a animália havia sido encandeada pela escaldadura; o resultado era uma hibridez única que tendia a teratia. A alimária parte em direção ao *clone 47* e no santiamém em que os ataques são imprimidos, o protagonista opera com celeridade suficiente para se esgueirar; 47 baldeia a mesa achegada, de modo a formar um dique entre ele e a fera, que desferia patadas sobre o óbice sustentado pelo protagonista. Todavia os objetos da mesa ficaram esparramados pelo piso do salão. O furor suplantava o ambiente através da jeriza infundida pela besta sequiosa por sangue. O figurante principal se estrebuchava na tentativa de conter as investidas do animal; a mesa que formava a barricada parecia não labutar mais. O clone já aparentava lassidão em detrimento a laboriosidade empregada para resistir a fera. Em meio ao embargo, 47 observa uma ferramenta que estava entre os objetos dispersos no chão, tratava-se de um ferro de solda, cujo o completório estava ligado a uma peça que colhia eletricidade, ou seja, o instrumento se encontrava praticamente em brasume e pronto para o praxe. 47 apanha o ferro, ele estende um dos pés em direção ao fio do objeto que emanava ardor pelos poros. Com o instrumento em mãos, o clone parte na intenção de fulminar o opressor do domínio. *Hitman* se esquia da mesa tombada, ainda com posse do ferro e ofegante pela lida empenhada. Neste ensejo, por alguns segundos,

o figurante principal encara e se fixa no cenho do opositor. A besta navega com edacidade na direção do protagonista, que insurge com sagacidade; 47 arroja o ferro em brasa em direção ao fêlidas atingindo os olhos da animália, que se debruçara em cima do clone. Então o personagem matriz utiliza do mesmo artifício impelido defronte ao irmão do escocês “*Campbell Sturock*”, 47 realiza a esganadura do fêlidas, o animal é asfixiado em um arranjo desesperador; 47 sufoca a besta ao mesmo passo em que é espremido pela gramatura do bicho. Por fim o fêlidas é fulminado e o protagonista encontrava-se entibiado, extenuado pelo esforço transcendental; 47 se rastejava vagorosamente pelo solo do local. O vigor movido pelo personagem, o inclinava a uma natureza sobre-humana e este aspecto fundamenta todo o exercício diagramado pelo professor *Ort-Meyer*. Com tanto, o brancor que campeava até então o ambiente se desfaz com o obliterar das luzes que marginavam o domínio. O recinto entenebrece-ia ao mesmo andar que o *clone* 47 era tomado pelo flagelo, da mesma forma em que o ecúleo na alcova defluiu, ou seja, a visão do personagem obscurece nestas duas ocasiões. Entretanto, em meio ao desmaiar do protagonista, observava-se a fala do *Dr. Ort-Meyer*, que expressava com um mero “bom trabalho”, a gratidão pelo exercício consumado por *Hitman*. Na seqüência, 47 tem o ensejo ideal para regressar ao presente; a transição entre os dois tempos dar-se-á de modo sempiterno. Para o clone, a rememoração era como um “dejavir”, mas para o público a idéia difundida é de continuidade, como se o pretérito e o “atual” do personagem se jungissem em um singular panorama, pois até a própria disposição do enredo permite aclarar tal acepção.

Destarte o personagem retrocede a condição de “*Jacob Leiter*”; de volta a alcova da mesma forma como dimanou dali; derribado no chão e se vasquejando em meio ao sangue, confrangido similarmente como quando abandonou a reminiscência. Os lordaças da *Lockheed Martin*, inclusivamente encontravam-se amordaçados e vendados; ainda observava-se o bando de policiais abatidos no piso que entremeava a cela e corredor afins. Mesmo com os olhos cerrados por um pano, *Bruce Jackson* conseguia olhar por abaixo da venda, ele observava um movimentar na recâmara, alguém que se rastejava pelo recinto. Neste santiamém, “*Jacob Leiter*” seguia frouxamente na direção de uma seringa jogada no piso e rente a *Bruce*; o objeto havia escapado do manto de 47 durante o morticínio da diligência. O institor da indústria de armas percebe o vascolear do protagonista, *Bruce* compreende o intento daquele; para *Jackson*, o compungindo que ali estava era apenas um paladino a favor de resgatá-lo. *Bruce* logo reconhece a natureza e fim da seringa que “*Jacob Leiter*” aspirava; tratava-se duma dose de adrenalina capaz de reanimar o personagem em aflição. Então com o cilindro graduado de plástico em mãos, *Bruce* segue na tentativa de tonificar o clone 47; *Jackson* age meio que com o tato, pois os seus olhos estavam tampados pelo tecido dantes citado. Por fim o lordaça encontra o corpo do suposto militante, que já não tinha vivacidade; *Bruce* arroja a agulha oca na via intramuscular do clone, no peito e em direção ao coração do desanimado. Por conseguinte, logo após alguns segundos da administração do fluido, “*Jacob Leiter*” se revigora em detrimento da epinefrina aplicada sobre seu organismo. Renovado, o clone começa a reconstituir o propósito para qual ali estava; ele erguia-se aos minguados do chão e apercebia a presença dos franduleiros da *Lockheed Martin*, que permaneciam açamados. *Bruce* ficara

abismado com a presteza da recuperação de *Hitman*. Cabe enfatizar que, Tanto *Peter Simmons* quanto o comparsa, estavam agrilhoados e a movimentação deles era delimitada pela breve extensão das correntes que os encarceravam. Como desfecho para este passo da trama, uma conjuntura que dissemina a ironia dos últimos acontecimentos será apresentada. A alegoria e desvairança estão presentes no fato de “*Jacob Leiter*” ter sido salvo pelo escopo, o principal pretexto de toda a empreitada objetivada pela *ICA*; o ádvena acabou por fautorizar aquele que o assassinará. Uma ação sem escrúpulos, imorigerada e descarada será manifestada com o homicídio do “plenipotenciário” da indústria de armas; o caráter vil e mesquinho será colocado no ponto de convergência donde saem as emanções do enredo. Sendo assim *Bruce Jackson* tem a vida vindimada de um modo súbito, sem possibilidade de sobressalto, subterfúgio ou de percepção dos acontecimentos. *Peter Simmons* presencia a morte do compatriótico, mesmo sem compreender os ruídos sobressalentes que suplantavam o soído da esfuziada, ainda persistente e cujo a concentração se determinava pelo fragor de conflito entre a malta supérstite, e os chatins da região. Todavia *Simmons* testemunha o falecimento do líder industriário; ele observa “boquiaberto” o estridor na recâmara; *Bruce* se debatia com o que podia, uma cena desesperadora e dicaz, sendo que *Jackson* foi de certo modo, responsável indireto pelo verdadeiro assassínio. Aqui a ironia se ramifica de tal maneira, que é possível imputar *Bruce Jackson*, de forma oblíqua, por cavar a sua própria cova; *Bruce* promoveu, com o trabalho na indústria de armamentos, a ataúde de agora. Pero a intentona da *ICA* atingiu seu êxito, o mandante da *Lockheed Martin* foi brutalmente assassinado no cárcere na favela; *Peter Simmons* ficara timorato e melindrado com todo o acaecer; o porta-voz não compreendia o

que ocorrera naquela lugar, mas sabia de certa maneira que algo nefasto havia acontecido ali. Por fim *Hitman* se esvai daquele local, o protagonista se eleva em direção a uma clareira, donde ulteriormente se demandou a milícia que abateu o bando policial. Assim “*Jacob Leiter*”, ladinamente evade o baluarte e uma vez no exterior do propugnáculo, a única iniciativa deste personagem era a de partir sorrateiramente para longe do lugareiro; ainda se ouvia o barulho do conflito entre policiais e traficantes da região.

Não obstante e levando-se em deferência tudo o que foi elaborado neste texto, é possível conjecturar a proposta do filme. Desse modo o enredo será preterido e o desfecho da trama não é objeto de persuasão para o argumento desta obra cinematográfica, mas sim um desígnio de cunho contextual, com a finalidade de dar acabamento ao labor. Portanto a tramada cabeiro que circunscreve a passagem do protagonista, desde a saída do morro até a conclusão na Terra da Garoa, não será redigida neste escrito.

Dentre todos os eventos citados neste pré-roteiro, aquele que mais afigura a moção deste trabalho, está centrado nas sutilezas da trama, no raciocínio arguto que as peripécias do protagonista suscitam. Sendo assim a proposta do filme é mostrar, mesmo que sutilmente, a derrocada da sociedade e para isto, utiliza-se de um paliar enrustido por todo o enredo. A decadência do mundo “chinfreiro”, assomado com a tendência individualista da natureza humana, são o fundamento desta feitura. Entretanto a propositura deste labor é propalada de um modo tauxiado

e prolixo por toda a trama, de maneira que a identificação do propósito da obra só se consigna com o prescrutar das alegorias do enredo.

Portanto o encadeamento do enredo permitirá ao público reflexionar algumas questões do mundo coevo atreladas no consuetudinário social, assim como a película propiciará uma circunspeção sob o “autismo” na sociedade, não como doença patológica, mas como comportamento psicossomático. Uma cena intrigante, que revela a preocupação do filme, pode ser destacada quando o protagonista adentra em um ônibus, ou atinge os vagões da locomotiva carioca na “Cidade Maravilhosa”; naquelas conduções é possível observar um acontecimento, no mínimo dramatizo, uma paridade deve ser estabelecida entre o que se vislumbra em dois planos; no primeiro vê-se apenas um aglomerado de pessoas que seguem as rotinas do dial; noutro evidencia-se o distanciamento social formado no paradoxo, onde pessoas se assemelham a estátuas, como na obra do pintor *“Auguste Rodin”*. Nesta parte o opífice pretende alumiar o individualismo cravejado nas coletividades; o autor da obra ilustra uma situação corriqueira: indivíduos acomodados em bancos de um veículo comunitário, ali espreita-se o tino da pintura; as pessoas se encontram assentadas em bancos distintos, de forma que cada maquidum, mesmo os de dois lugares, abriga apenas uma pessoa. O artífice do quadro induz o entendimento de que a condução coletiva foi preenchida de forma singular, ou seja, os lugares se ocuparam de “um em um”, de maneira que todos as bancadas de uma vaga se alagaram em primeiro, posteriormente preencheram-se os lugares de dois assentos e mesmo assim, os últimos bancos só foram apoderados, quando

esgotaram-se as possibilidades de encontrar uma vaga “particular” em meio ao transporte. Outro ponto que chama a atenção é o fato de todos os passageiros do ônibus encontrarem-se petrificados, como figuras inteiras esculpidas em pleno relevo, como verdadeiras estátuas. Contudo o artista pretendia denunciar a segregação entre as pessoas, mesmo estas porfiadas proximamente uma das outras, como vide o quadro em questão. Todavia pode-se estabelecer um paralelo entre a pintura aqui mencionada, e a feitura de “*Hitman Initium*”, sendo que ambos não de perلustrar o mesmo mote e galgar igual propósito.

Outra feitura de cunho literário, a obra monumental “*Memórias póstumas de Brás Cubas*” de Joaquim Maria Machado de Assis, tem verosimilhança com a realidade adjacente concatenada neste pré-roteiro. Na orla machadiana observa-se por todo o texto, um tom irônico refinado, um sarcasmo prolixo e de certa forma pessimista; em Brás Cubas o pena antefere narrar a estória do personagem a partir do seu sepultamento, o que de fato trouxe a matiz obscura ao escrito; em *Memórias póstumas* também existe a quebra da linearidade e das formas estilísticas que abalizavam até então a literatura da época. Todavia “*Hitman Initium*” tem o encetar da estória a partir de um personagem que nasce morto, alguém sem qualquer animosidade e também forjado com o teor negativista, o que se evidencia no decorrer da trama. Porquanto a obra de Joaquim Maria trata com desprendimento dos juízos de valor, pois Brás Cubas se encontra em uma situação de renúncia da própria vontade, de desapego do interesse individual, como um defunto emancipado dos valores sociais. Então “*Hitman Initium*” narrará as minúcias de um personagem-

cadáver, que assim como Brás Cubas, é capaz de revelar a hipocrisia incrustada nas questões existenciais.

Seguindo este mesmo liame de estros que abalizam a feitura cinematográfica redigida neste escrito, cabe salientar então, “*Macunaíma*” do consagrado escritor “Mário de Andrade”. O personagem-título facetado no romance modernista de Andrade, pode ser equiparado com a figura centro em “*Hitman Initium*”, principalmente no que concerne ao feitio moral de ambos. Macunaíma é considerado como um indivíduo sem escrúpulos, com um caráter perverso, como um celerado inexorável, maquiavélico e sem a propensão para o convívio em sociedade; o fascínio pelo meio urbano é outra característica exacerbada do matuto índio, assim como a perplexidade pela arquitetura das máquinas que estruturam as cidades. Neste último aspecto é possível assentar uma analogia entre os personagens em questão, sendo que um e outro operam como engrenagens falciformes com o complexo social envolto no ambiente urbanístico, ou seja, estes seres não se enquadram no suposto “maquinário” que constitui a vida nas “metrópoles”. Destarte torna-se clarividente o embasamento sólido que robustece a produção de “*Hitman Initium*”, um enredo abalizado nos assuntos que afiguram a existência do homem.

É cabível neste átimo do texto, reconstituir de uma forma concisa, toda a tramada que arranja este pré-roteiro; é determinante ainda, associar alguns eventos a esta sinopse, pois na altura deste elaborado já é exequível engendrar a estória de uma melhor maneira, sendo que o entendimento de agora é superior ao do início da

escritura. Todavia a recapitulação dar-se-á de modo peremptório, desde o inaugurar que se pretende infundir na película, estendendo-se até o ponto onde cessaram-se as idéias do filme. Todavia o compêndio preponderará a perspectiva de uma película, em seu termo técnico utilizado na fotografia e cinematografia, assomado-o a uma organização na forma de roteiro, que dimensionará o percurso dos personagens. Portanto é com o figura “*Kalashnikova*”, que se tem o prelúdio desta síntese; na compleição de cobaia, prostrado ao negrume duma cela donde o túbio clima abarcava os pensamentos dos degredados daquele domínio. Neste ensejo da trama é notável o aparecimento de alguns personagens dramatizo, figuras estas que desembocaram a impressão de realismo ao entrecho em vigor. Dentre os personagens em altivez, aquele cujo a comparência demarcará o intróito da película, esta circundado entorno da personalidade do *Marechal* “*Serafim Sarov*”, um dos principais engenheiros do programa criado pelo Komitet Gosudarstvenno Bezopasnosti, o cógnito KGB. Um militar faccioso com um método sevo para discipular indivíduos e formar mortíferos seres; com um labíolo vasto, esquálido por feição e alvo pela decrepitude dos anos; de aspecto moralista, eloqüente e com uma compostura de grandevo, assim como uma vasta experiência na carreira das armas, são os notórios traços da pessoalidade do *Marechal*. O déspota *Sarov* e a cobaia *Kalashnikova* formam a base do intróito da película, sendo que a relação entre os dois é estreita e excruciante, da mesma forma é a importância dos figuras para despojar a atenção dos que presenciarem o filme. Pero é evidente a necessidade de intérpretes que materializem os figuras idealizados neste pré-roteiro, sendo assim é conjecturável elencar atores neste passo do texto, mesmo que de modo “insolúvel” ao elaborado, pois o que se tem até aqui, não se passa de cogitação, mera

especulação de possibilidades infindas. Destarte para a representação de *Serafim Sarov*, temos o dramaturgo “*Pietro Mário Francesco Bongiancchini*”, que foi um dos primeiros atores a encabeçarem o elenco da então recém fundada TV Globo, em 1965; um profissional com uma carreira sólida e diversificada, tanto no cinema quanto no teatro; com uma dicção deslumbrante, *Pietro* firmou a participação em trabalhos de dublagens, assim como tomou parte de quefazeres no cinema e nas mídias televisivas. Dessa forma é possível antojar *Pietro Mário* como sendo o figura “*Serafim Sarov*”, em especial pela locução impactante, que caracteriza muito bem um militar com um forte poder de retórica, um agremiado tropológico com a conjuntura histórica em questão.

Na prossecução do escorço, temos *Kalashnikova* em idade mancebil, amontoado com um grupo de “cobaias-mirins”; todos ouviam atenciosamente os dizeres do *Marechal Sarov*, que através duma fala empolada e um palavreado farfalhudo, verbalizava os intentos do programa planeado pelo KGB. Em um jazigo derrelito, que parecia mais ser um complexo industrial, utilizado na produção de armarias, cercado por uma floresta densa, mista e clara, cujo a divisão era demarcada por vastas regiões de estepes, estes que em maior parte eram lavrados e semeados por trigo, centeio, milho e entre outros plantios. O local é estigmatizado como um cárcere agrário, o que dificulta em sobremaneira o efúgio dos enclausurados da orbe; a estruturação física do “herdade” é delineada por uma compleição que dissemina ares rubiginosos. O esqueleto composto de portas, celas, corredores e alas de educação, assim como as divisões de suplício, perfazem o esquema de

“desvelo” que ali impera. Não obstante, um ponto que distingue o sistema de reclusão aqui mencionado, com as “cadeias” do mundo coevo, é o fato de que na “toada” dos soviéticos, não existem barreiras físicas para a fuga dos encarcerados. Entretanto são os obstáculos psicológicos que infligem as escapadelas das cabaia, sobretudo a presença de uma animália, um alentado “urso pardo”, cujo a alcunha se denominava como o “*Leviatã*” (em russo, “*Левиафан*”). Um tipo de ursídeo com uma anatomia manifestamente anormal, que impetrava o teratismo oriundo da manipulação genética. Em vista disso, pode-se elucidar que o incremento da biogenética é percebido desde do antanho, o que remonta a idéia do usufruto e da descoberta do “genoma”, em períodos fomentados por conflitos armados. Dessa forma o “*Leviatã*” afigura uma ferramenta implacável de opressão, como um instrumento austero para o organismo de “vigilância e punição”, o qual é pilaste dum sistema carcerário. Seguindo com este brevíário; os encontros entre o figura *Kalashnikova* e a aberração do *Leviatã*, dar-se-ão por diversas feitas, ou pelo menos é este entendimento que a película pretende aclarar ao público. Dessarte uma das “topadas” almagrará o prelúdio da estratagema, da mesma forma, tal embate servirá como aqueduto e ligame, entre os dois personagens que robustecem a rameia “*Kalashnikova & 47*”. Portanto eis uma breve descrição do recontro: Uma noute procelosa e forrada de geadas, onde notava-se o orvalho congelado que se depositava sobre o corpo no solo, por efeito do arrefecimento, e assim via-se a aragem que carregava consigo um oblívio pavoroso. O ar agitado fazia com que as portelas externas do complexo soviético se debatessem com as quadrelas de sustento, da mesma forma, a estrutura rústica do lugar tremulava. Neste ponto evidencia-se a desvairança entre o sistema carcerário comum e o aqui descrito,

sendo que no organismo de reclusão soviética, não haviam “estacadas” suficientes para frustrarem o escape dos reclusos. Uma das grandes “inópias” do meio prisional “corrente”, está no que concerne a socialização dos detentos, pois tal preceito reivindica a necessidade de direcionar a disciplina do corpo e mente, em um mesmo alinhamento. Contudo na engrenagem prisional hodierna, existe um regimento que faculta ao preso a prerrogativa de socializar-se, ou seja, a disciplina do corpo e índole correm em antagonismo. Logo os preletores e cientistas da URSS incrementaram um mecanismo de opressão abissal, o qual se assentava na imagem do *Leviatã*, afim de criar uma adestração eficaz para o encarceramento, baseando-se em um regime, que concilia o conspecto físico e psicológico, em uma mesma direção. Por conseguinte ao recontar: Por adentro de uma modesta camarata, com leitos esparramados pelo pavimento, via-se *Kalashnikova* com os olhos franqueados e com um aspecto melindroso. O figurante estava só na aquela camarinha, mas ainda se ouvia as outras cobaias, auscultava-se os ruídos das mesmas, como se todos naquela noite adstringissem igual sentimento, como um presságio coletivo de mau agouro. Em meio aos ventos que cercavam o abrigo, percebia-se um anácar estrondoso, um som que descendia da entrada do herdade e seus bramidos estendiam-se por entre os corredores que firmavam as alas de pernoita. O assombro era tamanho, que cada cobaia só se preocupava em homiziar-se em meio ao cenário. Neste átomo, *Kalashnikova* corre em direção a porta de sua alcova, aquela estava a debater-se com a corrente de ar. Quando o personagem atinge a “aberta”, ele se depara com uma enorme aberração, o *Leviatã*. Nisto, *Kalashnikova* estica o braço para fechar a entrada, por meio da maçaneta, mas mesmo assim ele fica petrificado por algum tempo, ao reparar o cenho do ursídeo. Como um aleijão

coadunado a um tarasca, via-se um tipo de Úrsidas de corporatura supina, de cute escura e com cada lúzio, em igual contraste. Sua arcada dentária sobressaia cada uma das duas partes exteriores e carnudas que formam o contorno da boca. O bicho baforava pela parte anterior e proeminente, mais ou menos pontiaguda, da cabeça. Em uma questão de segundos, *Kalashnikova* sentia uma apoplexia avassalar seus sentidos, como um espanto que arrebatou sua consciência. Entretanto um condiscípulo, que estava em uma recâmara a frente de “*Kalash*” (prosônimo do personagem), alaria o figura empedernido. A porta é trancafiada e *Kalash* se coloca dentro duma arca que se encontrava naquela alcova. Ainda observava-se os olhos de *Kalashnikova*, por entre o espaço das ramificações feitas de alambres palentes. Em meio a isto, notava-se o odre urso caminhar pelo corredor que abrangia as celas. Como desfecho para este incidente, temos o animal a fariscar por abaixo da entrada dos leitos, através da aresta comum as portas, e com isto apercebia-se uma atmosfera de medo sorver o herdade. Portanto, com os últimos acontecimentos, fica inteligível a tramada que levou a cobaia soviética ao suicídio nos EUA. E para tornar este entendimento mais eficaz, é cabível amostrar ao menos uma cena, afim de entalhar a compreensão pretendida. Sendo assim, uma cena que afigura este propósito, deve ser amostrada durante os dias de delonga no abrigo para refugiados nos EUA. Ali durante as noites, veremos *Kalashnikova* atordoados, com visões do *Leviatã* invadindo sua estalia, como verdadeiras alucinações que inclinam o personagem a uma sensação de vigilância. Assomando-se estes eventos, é possível traçar um paralelo prolixo entre os personagens centro que encabeçam a película “*Hitman Initium*”, pois agora o triângulo dramático formado por *Kalashnikova*, *Leviatã* e o *Marechal Serafim Sarov*, ganha seu fundamento.

Todavia ainda se faz necessário amostrar no intróito do filme, uma cena que denotará a rigidez imposta na instrução elaborada pelo KGB, assim como aproximará o “ponta” *Serafim Sarov* a *Kalashnikova*, a “mais valia” do projeto sovieta. Destarte um dos estágios da disciplina do corpo e mente, é responsável por incitar uma intrepidez anormal; isto ocorre quando os “aquilotos a vindimar” são submetidos a um urdido, o qual uma cobaia se depara com um casebre em labaredas e dentro destas ruínas, o treinado será subordinado a uma arremetida, na qual uma sub cobaia, amarrada a uma silha, terá a vida destruída pelo avezado em treino. Desse modo, a etapa de exercício alicerçada na iniciativa de morticínio, diante dum tugúrio em chamas, é parte crucial da doma dos indivíduos seletos pelo KGB. Eis então um brevíloquente descritivo da fase de adestração mencionada: Neste momento vemos *Kalash*, já maturado pelo lapidar dos anos de instrução, defronte duma modesta moradia erigida com lenhas provenientes das árvores que circundavam o complexo de treino. Observava-se os lúzios de *Kalash* refletirem as labaredas que chamuscavam no casebre como um todo, como se o semblante do sujeito matizasse um colorado adusto. Ouvia-se por ali, o vociferar do *Marechal Sarov*, este usava um transdutor na forma de amplificador de som, um alto-falante sem grandes ornatos. O agremiado militar compelia a cobaia, através dum baldoar bestial, e *Kalash* se via movido com forte ímpeto na direção da choupana que queimava. Por conseguinte o personagem adentra por entre as lavaredas e atinge a estaca vislumbrada pelos preletores. Neste ápice o personagem visiona a póstera vítima, que estava amordaçada e com as vistas cerradas; a presa estava no meio duma sala onde as flamas não atuavam, como se aquilo fosse diagramado para tamanha circunstância. Por ali, estilhas do telhado rompiam-se em farpas

pormenores, que se estocavam pelos torrões do jazigo; o ardume desencadeava uma cancha favorável a imolação, sendo que a sensação de cineração do próprio corpo é um fator preponderante, pois elava o desespero, incita a vontade de escape a dor, e definitivamente, estimula a perversidade dos homens. Enfim *Kalash* se afronta com a identidade da sub cobaia a ser vindimada. Tratava-se do consorte apelidado de “*Dimas*”, uma cobaia com desempenho reiúno, que não correspondia aos interesses do KGB, e devido a isto, esta criatura seria arrefeçada a condição de oferta ao tecido, como um declínio que o levaria a estatura duma “sub cobaia”. Com o conjunto de fatos é possível elucidar a pretensão dos engenheiros do “programa”. Uma mescla de aflições, que em fusão, incitam os “confrangidos” ao caráter mordaz e mortífero. De volta ao tugúrio em brasume, temos o fecho para a cena de treino descrita: *Kalash* se vê em um desconchavo que sobressaia a tormenta do seu arredor, seria o paradoxo que afligiria seu feitio moral, pois o personagem terá como incumbência, o morticínio de um “compatriota”, alguém que de certa forma conviveu por um duradouro período, com a cobaia *Kalashnikova*. Cabe ressaltar aqui, que *Dimas* é visto desde a idade “imberbe”, junto a *Kalash*, o que é reforçado com a amostragem da encenação, onde um discípulo suscita *Kalash* do tolhimento perante ao *Leviatã*, sendo aí *Dimas*, o párvulo a despertar da hesitação, a “*mais valia*” do KGB. Por fim *Dimas* é silenciado, mas *Kalash* ficara contrito com o acaecer e uma consternação dissimulada, se espreitava nele dês daquela “infuça”. Entretanto os “fecundantes” do “debuxo”, cada vez mais, ufanavam a *Kalash*; o deleite era “frondoso”, como uma soberba que elevava o plano “socialista”, seria a tão antojada supremacia do sistema organizado e fechado de idéias que serve de base para lida política. Dessa forma é adequado organizar em

etapas, numa ordem crescente de andamento, as cenas que denotam o “trato diário” de *Kalashnikova* na “seara” soviética. Outrossim deve ser desencadeado o curso no coto para amocambados nos EUA. E deste modo teremos a amostragem de imagens que estampam a existência de *Kalash*, um ente atreito a transformação física e moral, como uma perpétua metamorfose humana.

Para efeito de síntese temos: O intróito da película será delineado pelo panorama do protagonista que inicia a feitura, a qual se demarca pela cena que coloca *Kalashnikova* em foco, e tal “proscênio” é tangível com amostragem do figura, assentado na querência duma alcova, em idade infante, com a face prostrada ao vazio. Na prossecução veremos a aparição do *Marechal Serafim Sarov*, que pode ser considerado como o coadjuvante desta etapa da trama. Então *Sarov* será visto pela primeira vez, por meio dum discurso categórico e munido de retórica, sendo tal preleção efetuada em meio a um extenso pavimento, um repartimento vasto e desleixo do complexo de treinos soviético. Ali serão versados os intentos do KGB para com o seletor de cobaias, estas que permaneciam com os corpos “agachados”, silenciados, de cabeças miradas no chão e com a atenção inclinada para o déspota militar. Neste cenário é observável uma quantia de armíferos, os quais transcuravam por entre as fileiras de cobaias perfiladas, afim de impedir qualquer parla entre os adestrados, por meio de taloneadas nos “miúdos” contraventores. No passo seguinte teremos a visagem do alentado ursídeo, a ferramenta implacável de coação, o ponta *Leviatã*. A miragem se desencadeará em uma espécime de esquizofrenia comungada, como uma cissão psíquica que formaliza o mito firmado

por meio de aparições reiteradas do “cancro” em forma de alimária. Neste ensejo, o enredo será encoberto por uma atmosfera de enleio salutífero ao assombro corrosivo. Em especial pelos momentos de desespero, onde vemos *Kalash* retraído por adentro dum receptáculo turvo; ali o figura será precintado de sobrosso ao presenciar o animalaço, que expelia medo através do bafejo e das chavascadas; via-se os olhos caliginosos, as garras alongadas, de gume afiado e pontiagudo, do corpulento urso; as pancadas da besta sobre a porta, assomado aos seus frêmitos, levavam o clima de arrebatamento dos compungidos daquela orbe. Todavia neste lance, já é observável a presença de *Dimas*, o rançoso ser que livrará *Kalash*, do mito descomunal. Doravante uma tênue interrupção provisional, servirá como ligame para a interpretação, de que *Kalashnikova* amadureceu e não se encontra mais em idade juvenil, assim como os pesares dos anos, o inclinaram a uma docilização de corpo e moral, em esmero. Tal acepção se consigna com a representação do estágio de exercício, alicerçado na iniciativa de morticínio, diante do casebre em chamas. No decurso, logo após ao falecimento de *Dimas*, os comenos no albergue nos EUA e o fim fatídico, na mesma nação, serão graduados ao centro da película. É com as anagogias e perturbação de ânimo do “pré-protagonista”, que defluirá o percurso na abrigada para renegados de diversas greis. O abalo intelectual de *Kalash*, é um dos “coeficientes” responsáveis por engrenar o conflito de valores, a ponto de reprimir o personagem ao suicídio. De mesma resposta, são os delírios em forma de devaneios, aonde o *Leviatã* se aparece em meio a insonolência do apartado, como um pesadelo que o arrastava para a fonte de medo, fundada no organismo de reclusão. Enfim o chistoso desfecho será posto em foco, com o fenecimento do chefe de Estado republicano dos EUA, o ianque John Fitzgerald

Kennedy. Em uma dramática generalizada, proceder-se-á o remate da introdução do filme. É sugestivo neste fecho, associar imagens a uma singular perspectiva, de forma que ocorra uma conjuminância dos acontecimentos em erupção. Portanto a amostragem de resquícios históricos, como as gravações de mídias da época do assassinato do presidente, são elementares na mescla dos eventos enredados. Dessa forma o desenlace irônico será consumado, seria a inversão de valores por meio de cenas que denotam a desvairança, onde vê-se a comoção “mundial” dum lado, noutro percebe-se o êxtase dos preletores do KGB e conspiradores do conluio, e em menor escala, observa-se o lamento no abrigadouro. O fortuito no enredo é a base da ironia que se dissemina, pois tão é o regozijo dos bolchevistas do KGB, como quanto se perfaz a satisfação dos argentários da aleivosia contra o presidente estadunidense. Aqui o sentimento de morte e lamúria é permutado pela manifestação de prazer e regalo, tudo adiante duma tragédia digna de figurar na história, um acontecimento verídico, que até os dias atuais não possui esclarecimento. Contudo uma detença nos trâmites do enredo, se faz necessária para a melhor assimilação dos adregos, idem tal perlonga é axial para a idéia de transição da conjuntura vigente, seria a passagem do mundo “polarizado”, para a sociedade hodierna “globalizada”. Enfim a vinda de *Hitman* é propícia com a pausa alvitrada, uma deixa essencial para incorporar trilhas sonoras a feitura, como uma abertura acintosa para “*Hitman Initium*”.

O ingresso do figura matriz na película é finalmente assuntado, mediante a uma contextura inaudita, em meio ao cenário de alvoroço no sanatório na Romênia, tudo após as cultivas que abrangem a parte técnica do início de um filme. Sendo assim, para a moção de bosquejo teremos: A prossecução da estória, por meio de artifícios, nos quais há uma miscigenação de cenas, seria a amostragem em um único visual, da “sedição” do manicômio. Dessa forma, a saltada da Politia em conjunto com a emancipação de *Hitman*, formaliza a asserção que difundirá a impressão de contemporização do “sortilégio”, como se o repertório envolto na “Cortina de Ferro” fosse suplantado pela “celeuma” entalhada na insânia do hospício. É sugestivo para a representação acima, interpolar cenas de incursão da Politia, com a alforria do *clone 47*, e em segundo plano veríamos a latomia que incorria na casa de afã. Portanto é com o arranjo de imagens, as quais afiguram a entrada da SWAT romena, chus a idéia “fixa” do professor *Ort-Meyer*, que se tem a retomada da balduína, pela qual embarca o enredo. O tornar da trama é visível, no principiar, através do proscênio, o qual enquadra a chegada das autoridades. Por adentro duma viatura, revestida de chapas de aço, com janelas escurecidas, que embora transparentes, suavizavam a passagem da luz, por ali presenciava-se os milicos que constituíam a agrupada incumbida de restabelecer a ordem no asilo. Observava-se o fardo sobre as espáduas da Politia, especialmente pelo fato de serem instruídos ao uso letal da força, como meio de encobertar o ocorrido na clínica. Conforme o veículo policial trepidava, avistava-se as fisionomias dos lidadores, que permaneciam concentrados e “cabisbaixos”. Nota-se aqui uma caligem em comum, pois todos ali sabiam das circunstâncias que libram a obscuridade, como uma tragédia pressagiada. Em seguida veremos a vinda da Politia ao manicômio, ainda

entremeada com cenas que afiguram a escapadela do *clone* 47, assim como a imagens que caracterizam a acracia, a qual dominava o centro de tratamento dos dementes. Agora é perceptível a aparição do *Dr. Ort-Meyer*, um homem com práticas contraproducentes, como um positivista em conceitos, mas partidário do pessimismo nas ações para domesticar os clones. *Meyer* significa o contemporizar dos preletores ulteriores, ele seria um molde moderno do déspota *Marechal Sarov*.

Contudo da mesma forma que é possível antojar um ator para representar o Marechal soviético, se faz factível elencar “*Carlos Alberto Vereza de Almeida*”, como patenteador da personalidade excêntrica do cientista *Ort-Meyer*. Entrementes *Vereza* é conhecido por imprimir nos personagens, um tom virulento, um ar de azedume, o que destaca uma originalidade comum entre o figura, e o intérprete citado. Pero *Meyer*, é orlado com um aspecto acrimonioso, dotado de uma fala cadenciada e com um linguajar heteróclito. Dessa forma o Argumento redigido, maneia consistência ao pautar intérpretes para a película, assim como é angariado uma melhor proporção do arranjo que trampa o enredo. Todavia a presença de atores, como os que foram citados, só vem a locupletar o filme, pois tais agentes da arte dramática, já são amplamente reconhecidos e abalizados em suas carreiras.

De volta a recopilação: A Polítia prossegue na entrada da edificação, a qual já estava cercada por samangos, os quais emblemavam a guarda convencional da região. A equipe seleta finalmente atinge o limiar do manicômio, que era encoberto por um clima de obliúvio. Por conseguinte vemos o almocadém da SWAT se dirigir ao

líder dos mesureiros, este então logo noticia as circunstâncias da ocorrência, bem como os acontecidos até aquele presente momento. Neste lance é importante interpor as cenas que manifestam o hecatombe, no qual se vê *Ort-Meyer* aturdido, sem divisar os sirtes pelo seu arredor, mas com um forte denodo, que o direcionava na libertação do paciente promitente. A dramatização se faz presente neste entrecho da malhada, pois é esperado uma conjunção de cenas como: a penetração da Politia, de frente a uma criatura que rebentava-se em flamas; a grulhada em forma de gritaria, que implantava uma atmosfera de assombro; a soltura do *clone 47*, por meio dum desfecho nefando, no qual vemos um diálogo entre o esculápio, e o adomado; um colóquio instigador, pois é através dele, que a feição de um anti-herói é disseminada sobre o caráter de *Hitman*; uma prosa que definia um lado, como de um pai para com a prole, e noutro, como de um mancipio para com o tirano; e logo após a alforria teremos o desfecho, por meio da cevadura cravejada pelas mãos da Politia.

A cadência da trama é minorada após o findo no sanatório, prosseguido dos átimos de efúgio, estendendo-se pelo decorrer da película, o qual será demarcado por comenos que retratam a insídia do “pós-matadouro”. Desse jeito temos, logo adiante ao evento no açougue, a aparição de figuras pontas no enredo. Personagens que terão uma vida exígua, cujo a destinação é designada a peças de acabamento, como verdadeiras tralhas que servem para trazer um determinado ambiente a obra. Sendo então os tais personagens, *Campbell Sturock*, o “Rei da Carne”; o irmão de *Sturock*, o homem estouvado; e “*Lawyer Andrei Puscus*”, o

advogado. Portanto a presença destes figuras é primordial para implementar uma envolvimento específica, a qual denotará a idéia de transigência dos elementos que abordam o intróito da película. Destarte a impressão de um panorama hodierno, que aborda as questões do mundo coevo, é visível com os trâmites na Romênia, assomados ao arcabouço psique, no qual o personagem centro da película vive. Outros figuras como, *Bruce Jackson*, o líder industrial e *Peter Simmons*, o porta-voz, ambos da *Lockheed Martin*, atuam com entrosas que simbolizam a tramóia, pela qual percorre a significância do protagonista, ou seja, a existência do mesmo está atrelada a estas pessoas, mesmo que solapadamente. Desse modo é possível aclarar que figuras como *Diana*, quão a segunda “bestialidade” em forma de animalejo, possuem uma relação íntima com o *clone 47*, não só pela propinquidade com o figura, mas pela influência e coação, que tais personagens deliberam.

E assim finda-se este Argumento, no qual se dimensionou a estória de *Hitman Initium*, de modo a ser possível entreluzir uma adaptação para a cinematografia, sem abstrair-se da função social tão aqui tutelada. É lúdimo dizer que a feitura proposta, abrange um assunto já saturado, de considerável manejo nos cinemas, pois a temática, na qual se enquadram o conjunto dos fatos e das situações que constituem a ação da narrativa dum filme, baseando-se na atividade de assassinos, é um mote perlustrado em demasia nas películas. Nesse ínterim, cabe assentar o fator de sucesso desta proposta de roteiro, o qual está no concernente aos aprestos, nos quais se apercebe um engenho incomum, capaz de inteirar a lacuna sob a progênie do *clone 47*. A constituição deste enredo está disposta a clarear os vácuos

que circulam a existência do personagem matriz. Todavia a ausência de coarctada, no que se refere a origem de *47*, é uma das grandes carências que agravam a criação duma trama, apta de adequar o figura em uma película. A junção de elementos históricos, com subsídios quiméricos, formam a base de mérito da propositura. Entrementes a malhada será capaz de fomentar uma vinculação, entre o assassinio de John Fitzgerald Kennedy, e a agência fantasmagórica, a *ICA* (*International Contract Agency*). E desse modo uma ponte inauferível se estabelece, por meio da disposição translatícia do enredo, uma colisão entre a poranduba, e o fictício aqui elaborado. Uma dupla explicação será consignada na trama, e uma conexão entre ambas, se fará entendível. Seria o suprir da lacuna histórica que circunda a morte de Kennedy, atrelado ao incunábulo do *clone 47*, o qual até antes não se havia entendimento. Dessa forma o enredo é composto por elementos de ficção, ligados a um conteúdo verídico, o que o torna peculiar e envolvente. Além do mais, *Hitman* terá a incumbência de trazer a tona, a decadência do mundo hodierno, por meio do individualismo cravejado na sociedade. O figura tem o mister de elevar o cenário, a uma estatura de personagem, e com isto, ocorre a materialização do meio social em forma de protagonista, e o declive do personagem, para o status de coadjuvante. É vero asserir que *Hitman Initium* se predestina a ser uma “aclimatação” ao cinemas, dum produto da indústria dos “games”, o entretém eletrônico. Entretanto a carestia, no que se diz em respeito ao pretérito do personagem, será integralmente inteirada com o perscrutar da trama, e a argúcia entranhada no enredo, desempenhará a função que ofusca o mero entretenimento. Desse modo é previsto uma reconhecimento do público, pois o mesmo anseia por respostas, um esclarecimento capaz de ilibar o arcabouço que envolve o anímico do figura basilar desta feitura.

Contudo o êxito da adaptação é presumível, pois sempre que há uma adequação para a mídia audiovisual, de símbolos, tanto dos HQs, quanto dos “games”, a comparência dos destinatários da produção artística, é expectada em massa. Apesar de tudo, ainda restará um vazio que circunda o cabedal psicológico do protagonista, um devoluto espaço, um ermo sem igual e desprovido de compreensão, o círculo donde prevalecem os aspectos mais infames da natureza humana.



AR.